

RARA

# NOVOS RUMOS

# Ação Firme Contra a Quadrilha Golpista de Ademar e Lacerda

ANO V — São Paulo, semana de 4 a 10 de outubro de 1963 — Nº 241

## Sexta-Feira na Praça da Sé São Paulo Dirá a Jango Que Quer Reformas de Base

Convocado pelas organizações de trabalhadores de São Paulo, realiza-se amanhã, dia 4, às 15 horas, na praça da Sé, na capital paulista, grande comício popular pelas reformas de base. A manifestação estará presente o presidente João Goulart, que na ocasião sancionará a lei que institui o salário-família para todos

os trabalhadores. Além do pronunciamento que fará o presidente da República, deverão falar na manifestação os governadores Miguel Arraes e Badger Silveira, um representante do Comando Geral dos Trabalhadores e um dirigente sindical paulista, em nome dos trabalhadores de São Paulo.

Temos denunciado, repetidas vezes, a atividade criminosa das forças da reação e do entreguismo. Estimuladas pela política conciliatória do Governo, que deixa intactas suas bases econômicas, pois não toma medidas efetivas contra o imperialismo e o latifúndio, essas forças se tornam cada vez mais agressivas. Procuram impedir, por todos os meios, que a Nação avance no caminho do progresso, que se realizem as reformas de estrutura, as transformações econômicas, políticas e sociais indispensáveis à quebra da miséria em que se encontra o Brasil, e, por outro lado, das ultra-retrogradas declarações do general Perí Bevilacqua, desfecharam furiosa campanha contra as forças populares, particularmente contra as organizações dirigentes dos trabalhadores e dos estudantes, o CGT e a UNE. E intensificaram, abertamente, a pregação golpista através da imprensa ibidiana, desencadearam a chamada "guerra psicológica", com seus quartéis-generais instalados na Guanabara e em São Paulo, ao mesmo tempo que se tornava evidente, com a apreensão de armas contrabandeadas entre as duas capitais, que se apressavam os preparativos da conspiração reacionária, tendo à frente as figuras sinistras dos governadores Carlos Lacerda e Ademar de Barros.

Ante a atividade criminosa da reação entreguista — oficialmente denunciada pela Nota dos Ministros militares a propósito das declarações do vende-pátria Lacerda à imprensa norte-americana — devem unir-se todas as forças nacionalistas e democráticas, dispostas a apoiar resolutamente a ação efetiva do Governo contra esse bando de inimigos da Nação. Essas disposições são suficientemente conhecidas, porque muitas vezes manifestadas. O caráter autônomo de sua atividade deve, uma vez revelado ao povo, ser motivo de maior indignação. É exatamente por isso que sua ação política se volta com fúria contra aquelas forças que lutam, nas primeiras fileiras e com maior combatividade, em defesa dos interesses nacionais. Daí os ataques ao movimento operário, camponês e estudantil, aos comunistas e demais patriotas e democratas.

Por essas mesmas razões, e apoio à Nota dos Ministros militares não nos deve impedir de condenar a at-

tativa, que nela se faz, de colocar no mesmo pé de igualdade a reação entreguista e as forças populares, classificando também as forças populares de "minorias extremistas" e atribuindo igualmente a elas a responsabilidade pelo agravamento das dificuldades econômicas e sociais que o País atravessa. Duplamente falso, sem dúvida. Os trabalhadores, de modo particular, são as maiores vítimas das dificuldades que nosso povo enfrenta. E sua luta — como a realidade dos fatos demonstra — se orienta precisamente no sentido de combater essas dificuldades, anular seus efeitos e, mais ainda do que isso, liquidar suas causas. Qualquer reação que se queira fazer a essas lutas — como a Nota dos Ministros militares inainda se faz em "exceção de luta de classes" — é que só poderá ser compreendida como fator de agravamento das dificuldades econômicas e sociais que atravessamos. Por outro lado, também é certo que o combate à reação e ao entreguismo só poderá ter sentido e eficácia quando baseado na garantia das liberdades para o povo, na consolidação e ampliação da democracia.

A situação do País se caracteriza por um sério agravamento das contradições econômicas, políticas e sociais. As forças populares devem estreitar sua unidade e intensificar sua ação. Exigindo do Governo medidas efetivas contra a conspiração entreguista, contra o golpismo de Lacerda e Ademar, devem ao mesmo tempo elevar sua vigilância democrática e defender com energia as liberdades constitucionais e os direitos sindicais, particularmente o direito de greve. O agravamento das condições de vida de nosso povo exige a intensificação das lutas reivindicatórias das massas trabalhadoras, contra a carestia e pelo reajustamento dos salários. A evidência do fracasso da política de conciliação com o imperialismo e o latifúndio, que vem sendo seguida pelo Governo, coloca com maior vigor na ordem do dia a necessidade de que seja reformado o atual Ministério, constituindo-se um novo governo, representativo das forças da frente única nacionalista e democrática, capaz de levar à prática uma nova política, que encarne os interesses dessas forças. Este é o caminho que, levando efetivamente à reação e ao entreguismo à derrota, espeltrará seus objetivos designios e abrirá para nosso povo um futuro de progresso, liberdade e bem-estar.

### Greve Nas Ferrovias Paulistas

S. PAULO (Da sucursal) — Reunidos em assembleia na noite de ontem, os ferroviários pertencentes às estradas sob o controle do governo estadual decidiram ratificar a deflagração da greve para a primeira hora de hoje, quinta-feira, em virtude da intransigência do sr. Ademar de Barros em atender às reivindicações pleiteadas pela categoria desde o início do seu mandato.

Assim, estão paralisadas as seguintes ferrovias-chaves do Estado: Sorocabana, Paulista, Araraquarense e Mogiana, além de outras menores.

Juntamente com os ferroviários, e totalizando o número de 80.000 trabalhadores, deflagraram greve os servidores do Departamento de Estradas de Rodagem e do Departamento de Águas e Esgotos, lutando por velhas reivindicações sempre reclamadas e não atendidas pelo governador Ademar de Barros.

#### PROVOCAÇÃO

Ontem, em vez de procurar as negociações, voltou o governador-golista Ademar a provocar os trabalhadores, anunciando que dispunha de milhares de homens armados para sufocar a greve. A ameaça, os ferroviários e servidores do Estado responderam com a decisão de manter a ordem de greve para conquistar as reivindicações que pretendem.

### Domingo: Comício em Bangu

A Frente de Mobilização Popular de Bangu realizará grande comício pelas Reformas de Base no próximo domingo, dia 6, na Praça 1ª de Maio, às 19 horas. Estarão presentes à manifestação, além de outras personalidades, os deputados federais Leonel Brizola, Sérgio Magalhães e Roland Corbisier (suplente), e os deputados estaduais Hércules Corrêa dos Reis, Paulo Alberto e José Dutra.



### 1.º Paulo: "Rush" na Luta Salarial Começa Domingo

No próximo domingo, dia 6, os representantes de mais de 600 mil trabalhadores de São Paulo estarão reunidos em assembleia, para debaterem uma série de problemas, de que sobressai o do reajustamento de seus salários, para o qual querem um aumento de 100 por cento a partir de 1.º de novembro. Da ordem do dia consta a discussão também das questões do reajuste salarial de quatro em quatro meses, conforme o alto custo de vida, a revisão do salário-mínimo (com novo zoneamento) e a obtenção de férias de trinta dias.

Essas questões, de maior importância para o operariado paulista, mais a das reformas de base e da encampação das retnarias de petróleo particulares e o panorama político atual — poderão provocar a paralisação do trabalho em todo o Estado de São Paulo, desde que se verifiquem manifestações de intransigência patronal, assim como se confirmem as ameaças de violência contra os trabalhadores apregoadas a todo instante pelo fascista Ademar.

#### RESISTÊNCIA

A assembleia das entidades dos trabalhadores paulistas — têxteis, operários de indústrias alimentícias, gráficos, químicos e mais onze sindicatos — que será realizada no Cine São José de Belém, às nove horas, reveste-se portanto da máxima importância.

Os líderes dos trabalhadores prepararam-se também para levar à assembleia de domingo um "Protocolo de Ação", base das operações do movimento salarial que será desencadeado por todo este mês de outubro.

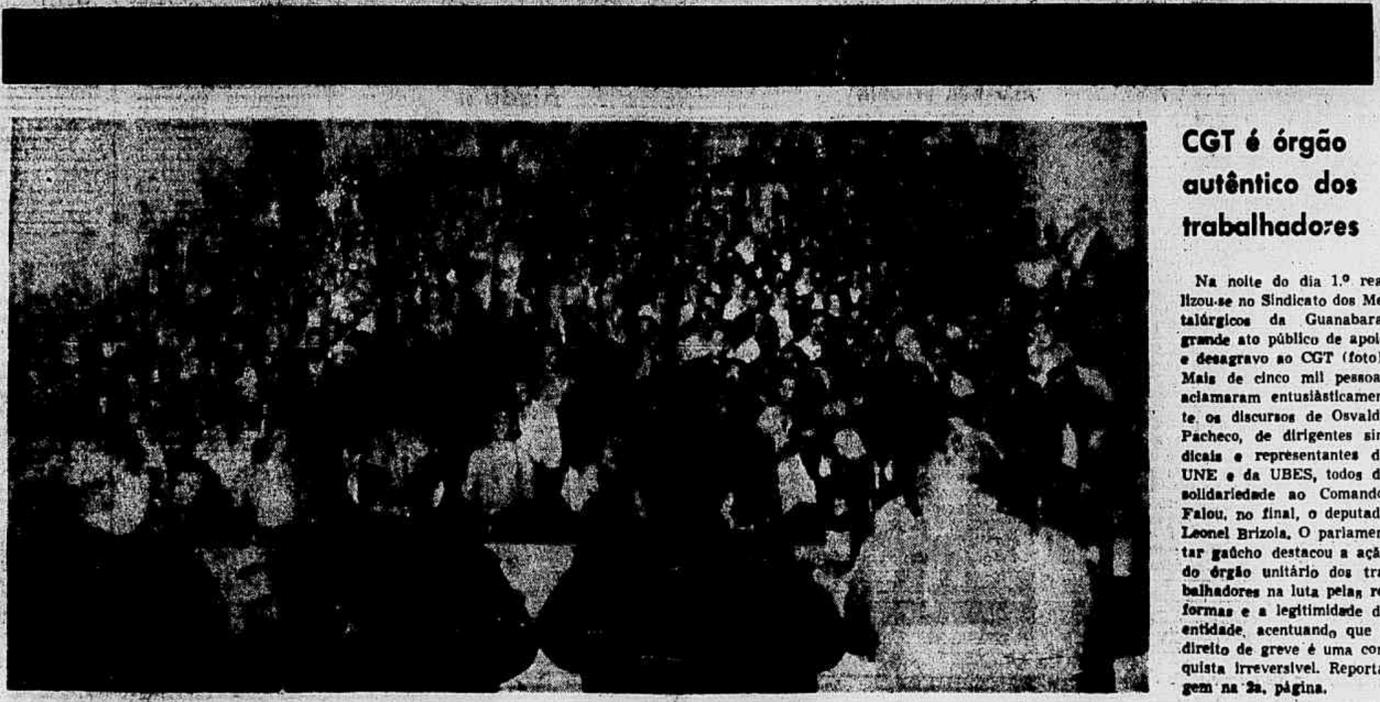
## Bancários da GB Dão Prazo de 24 Horas: Greve Geral no Rio Grande do Sul

Tendo em vista as medidas proletárias dos banqueiros, que se vêm negando, nos encontros mantidos nos dois últimos dias — como já ocorre há um mês — a sair de sua posição de intransigência, que já foi denunciada como de caráter político, os bancários cariocas resolveram, em grande assembleia realizada na noite de ontem, dar um prazo de 24 horas, para que seja assinado um acordo aditivo, que inclua as reivindicações não atendidas pela decisão do TRT.

No dois últimos dias, representantes do presidente da República. Dessas reuniões, no Palácio das Laranjeiras, por convocação

do Presidente da República. Dessas reuniões, participaram, quatro Ministros de Estado (Fazenda, Trabalho, Comércio Exterior e Justiça) além do próprio sr. João Goulart, que presidiu as negociações em várias oportunidades.

Enquanto isso, em vários Estados, a greve prossegue. Os bancários de Brasília, de Porto Alegre, Santa Catarina, e Espírito Santo continuam paralisados, há vários dias. Na capital gaúcha, a greve estendeu-se aos trabalhadores de todas as categorias, em apoio aos bancários e protesto contra as violências da polícia do sr. Ildo Meneghetti.



### CGT é órgão autêntico dos trabalhadores

Na noite do dia 1.º realizou-se no Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara, grande ato público de apoio e desagravo ao CGT (foto). Mais de cinco mil pessoas aclamaram entusiasticamente os discursos de Osvaldo Pacheco, de dirigentes sindicais e representantes da UNE e da UBES, todos de solidariedade ao Comando. Falou, no final, o deputado Leonel Brizola. O parlamentar gaúcho destacou a ação do órgão unitário dos trabalhadores na luta pelas reformas e a legitimidade da entidade, acentuando, que o direito de greve é uma conquista irreversível. Reportagem na 2a. página.

# Smolca

## Colegiados Dos Institutos Sob Ameaça de Extinção

Agostinho Oliveira

O movimento sindical sempre defendeu, em seus Congressos e Conferências, a tese de que o seguro social a ser criado no País tivesse uma administração colegiada, isto é, que a classe operária fosse representada em igualdade de condições com os patrões.

A lei Eloy Chaves, promulgada em 1933, que instituiu as Caixas de Aposentadoria e Pensões para os ferroviários, estabeleceu uma administração colegiada, constituindo assim uma vitória das pretensões dos trabalhadores.

A partir de 1930, vários decretos presidenciais, organizando os demais Institutos de Aposentadoria e Pensões, asseguraram a participação de representantes operários, bem como do Governo, na sua direção, aproveitando a experiência de mais de dez anos de funcionamento das Caixas de Aposentadoria.

Dessa forma vêm funcionando os IAPs desde a sua fundação, até a promulgação da Lei Orgânica da Previdência Social, sem que tenha havido queixas a propósito de sua composição e organização.

No entanto, o ponto fraco, o calcanhar de Aquiles da Previdência Social, tem sido o recebimento das contribuições. Tivemos o exemplo, já em 1933, da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Great Western, que recorreu até à última instância para receber contribuições atrasadas de 5.000 contos, afinal perdoadas pelo então ministro do Trabalho.

Hoje esses fatos se repetem. As dívidas aos IAPs somam bilhões de cruzeiros, e os devedores empregam outras táticas para se livrarem desse pagamento: procuram desmoralizar os colegiados que os levam à Justiça, utilizando até deputados. Já surgiu no Parlamento um Projeto de Lei com a finalidade de extinguir os Colegiados dos Institutos, o qual já recebeu parecer favorável da Comissão de Constituição e Justiça.

O movimento sindical brasileiro considera os colegiados dos Institutos uma conquista da classe operária, que muitos sacrifícios custou aos trabalhadores. Não permitirá, portanto, que a Lei Orgânica da Previdência Social seja mutilada, para satisfazer aqueles que, não contentes em explorar a classe operária nas empresas industriais, comerciais e nos vários ramos da produção, ainda desejam sonegar as suas contribuições, inclusive as descontadas aos empregados.

### Guanabara

#### Nacionalização dos quadrimões

Atacando exposição de motivos do ministro da Educação, o presidente João Goulart assinou decreto de nacionalização — por enquanto parcial, progressiva portanto — das revistas em quadrimões editadas no Brasil. Esse ato estava tardando. Não é de hoje nem de ontem que vem se desenvolvendo a campanha de todas as pessoas e de todos os setores responsáveis do País por uma providência efetiva de nacionalização das histórias em quadrimões, um dos instrumentos mais eficazes de colonização cultural.

Tentativas esporádicas haviam fracassado. Outras tentativas alcançaram êxito parcial. O decreto do presidente da República surge no momento exato em que a indústria — brasileira — de edição de revistas em quadrimões começa a consolidar-se e a partir para um desenvolvimento pleno.

### Posse nos rodoviários

Dia 12 de outubro toma posse a nova diretoria, junto com o novo Conselho Fiscal, do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos do Estado da Guanabara. As 20 horas, à rua Camerino, 66.

### Professores querem aumento

Os professores secundaristas do Estado resolveram, em assembleia, reivindicar um abono provisório — de emergência — equivalente a 30 por cento do salário médio atual. Já procuram entendimentos com os proprietários de estabelecimentos de ensino.

### Transportes coletivos

Motoristas, cobradores, fiscais, despachantes e demais empregados das empresas de transportes coletivos do Estado da Guanabara reivindicam aumento de 100% nos salários atuais. Embora convocados, os patrões ainda não compareceram ao Departamento Nacional do Trabalho. Os trabalhadores poderão entrar em greve dia 15 próximo, se não forem atendidos. O acordo vigente termina dia 12, e os patrões condicionam a sua revisão a um aumento do preço das passagens de ônibus e lotações.

### Petróleo

Os trabalhadores da Petrobrás comunicaram ao general Albino Silva que não podem concordar com aumento inferior a 40 por cento nos seus salários atuais, reivindicando também fixo de cinco mil cruzeiros, estabelecido aos cinco anos de serviço e outras vantagens. Há possibilidade de greve, se o acordo não for obtido dentro de oito dias.

### FRONAPE

Os trabalhadores da Frota Nacional de Petróleo estão pleiteando contrato coletivo de trabalho, como foi concedido aos marítimos. Processam-se entendimentos com o ministro Expedito Machado.

### Rafael adverte Ademar

O presidente da Federação Nacional dos Ferroviários, sr. Rafael Martinielli, enviou ofício ao governador Ademar de Barros, advertindo-o de que, se a greve dos ferroviários da Sorocabana, marcada para hoje, 3 de outubro, for reprimida com violência, os ferroviários paralisarão o trabalho em todo o País.

### Estado do Rio

#### Festejos

O Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda está se preparando para comemorar a vitória alcançada nas eleições realizadas para sua diretoria. Grandes festejos estão sendo programados, tendo em vista o valor que representa a vitória do sr. Lima Neto ao derrotar o pelego Olhon Reis.

# Banqueiros Foram Isolados Pela Greve Dos Bancários

A greve de uma semana dos trabalhadores em estabelecimentos bancários da Guanabara — estendida a quase todos os Estados e, durante um dia, a todos eles — produziu, enquanto durou e principalmente ao ser suspensa, na noite de terça-feira, o isolamento total dos banqueiros: ficou evidenciado que a responsabilidade pela paralisação temporária do sistema bancário do País coube, agora como de outras vezes, à intransigência dos banqueiros. Obrigados a greve pelo fiasco dos banqueiros na posição de não ceder a nenhuma reivindicação feita, os bancários deixaram claro, perante todos os demais setores do trabalho e perante o próprio governo federal, que, tivessem os banqueiros aceitado as vias do entendimento e do acordo, os bancos não teriam sido fechados e o trabalho teria prosseguido, normal, em todo o Brasil.

### ILEGALIDADE

Os banqueiros se recusaram a conversar com os bancários — e os conduziram à greve. Enforcaram-se para obter do Tribunal Regional do Trabalho a declaração de ilegalidade do movimento — e fortaleceram a greve com o alerta que essa ameaça representou para todas as outras categorias operárias, que rápido se uniram aos bancários já então para defender o direito de greve e a liberdade dos sindicatos.

Declarar ilegal a greve dos bancários — compreenderam bem depressa o Pacto de Unidade e Ação, a Comissão Permanente das Organizações Sindicais e o Comando Geral dos Trabalhadores (COT). CPOB e CGT — vêm abrir um precedente perigoso. Daí em diante esse direito constitucional estaria negado — e o "dever de repressão", mesmo por meio da violência, consagrado. E isso, em termos de longo prazo.

A curto prazo, a declaração de ilegalidade da greve dos bancários já significa, o sinal para a entrada em cena do governador do Estado da Guanabara, que só estava querendo liberdade de ação para jogar contra os bancários — e contra as outras categorias de trabalhadores que já haviam anunciado sua solidariedade com os bancários — o seu aparelho de repressão, a

clareza com que a nota dos chefes militares vê os inimigos da Nação, esclarecendo, entretanto, que "não cabe às forças populares a tarefa de minorar extremidades", pois, como afirmou o seguri, "não são somos de maneira nenhuma uma minoria, ao contrário somos a esmagadora maioria, e os senhores ministros devem saber disso".

### PACHECO PELO CGT

Falando em nome do CGT, o presidente da Federação dos Estivadores, Osvaldo Pacheco, declarou que "a classe operária não está disposta a retroceder em nenhuma frente, pois os avanços conseguidos até hoje, são o resultado, de muitos anos de luta dos trabalhadores brasileiros".

Analisando a manifestação dos ministros militares, o líder operário declarou que "o Exército vem mantendo sua tradição democrática que remonta ao século passado, quando os militares não acclamaram o papel de capitães do matou. Hoje, essa tradição democrática o incorpora à nossa luta pela libertação do Brasil do jugo monopolista do imperialismo norte-americano. Por outro lado, os agentes que agem em nome dos senhores ministros para defender seus interesses em nosso País, devem saber que nós estamos unidos e que esse união é mais forte do que qualquer associação das classes chamadas produtoras.

Referindo-se aos ataques que vem sendo desenvolvidos contra o CGT, disse o líder operário: "Quando reprimamos as declarações do general Peri Beviláqua não confiamos em nosso físico e sim na força da classe operária, pois unidos a essa força temos a certeza de que nenhuma patente vai tirar o CGT do lado dos trabalhadores. Osvaldo Pacheco, analisando a posição tomada pelo governador do Amazonas durante as greves que se processaram naquele Estado, declarou que "o sr. Plínio Coelho adotou uma posição monstruosa que não conseguiu desunir a classe operária, mas serviu para desmascarar o falso trabalhista que, ao invés de estar do lado dos trabalhadores, está ao lado dos assassinos do povo".

O líder portuário concluiu apelando para a união e para a organização de todos os trabalhadores brasileiros na luta pelas reformas de base, afirmando que os trabalhadores devem desenvolver uma luta contínua contra aqueles que querem fazer da conciliação uma forma eterna de política, pois a conciliação prejudica os interesses da Nação e os trabalhadores.

### LELLIS, UNE E UBES

Além do deputado Leonel Brizola e do representante do CGT, falaram também o presidente do Sindicato dos

de parte do Tribunal de Trabalho, como bem disse Osvaldo Pacheco, falado nos bancários em nome do FUA e do CGT.

O Tribunal, todavia, atendeu a apelo do presidente da República, e adiou — sine-die — o julgamento de caráter, legal ou ilegal, da greve. Vitória nítida da classe dos trabalhadores — que pela voz de seus mais representativos líderes já haviam tornado público que a declaração de ilegalidade seria a senha da deflagração de greve geral, da paralisação do trabalho em todo o Brasil.

### GREVE SUSPensa

A assembleia dos bancários, realizada segunda-feira

### CONSEQUÊNCIAS

Fácil imaginar as consequências da declaração de ilegalidade da greve dos bancários. Não admira, mesmo, naquelas circunstâncias em que todos os setores de trabalho se fundiam para constituir uma força de ação comum — a classe operária — como "ato de levandade"

inquirido terá nove membros e funcionará por um período de 180 dias, com uma verba de dois milhões de cruzeiros para poder trabalhar.

### APOIO DOS BANCARIOS

A assembleia dos bancários de domingo aprovou, por unanimidade, um voto de louvor aos deputados Guilherme Machado e Marco Antônio Coelho. Ao ler o texto do requerimento de constituição da comissão, o líder bancário Aluísio Falcão afirmou que a desavisa do sistema bancário é uma necessidade e que os bancários sempre a desejaram.

### Barra Mansa

Os rodoviários desse município estão descontentes com as empresas de ônibus, por não estarem este cumprindo o último acordo salarial. O povo que está pagando às empresas preços absurdos por passagens, não vêem os motoristas receberem os ordenados que merecem. Barra do Piraí, Volta Redonda, Barra Mansa e Resende, são os municípios onde os trabalhadores são mais esbulhados em seus direitos. Legalmente, um motorista (linha Inter-estadual) deveria receber 63 mil cruzeiros por 8 horas de trabalho; nas atuais condições ele tem que viajar 88 horas para conseguir o ordenado estipulado.

### Rezende

Por intermédio da Associação dos Trabalhadores de Rezende, foi assinado um acordo salarial com a Cooperativa Agropecuária de Agulhas Negras. Este acordo representa uma grande vitória dos trabalhadores, pois esta é a primeira vez que um acordo é firmado nesse município.

### Campes

Os trabalhadores de Águas e Esgotos desse município — ao todo 350 — estão em greve por aumento salarial, pagamento de horas extras e adicionais de insalubridade. O governo estadual tem se recusado a receber os dirigentes sindicais para entendimentos. Graças à interferência do Conselho Sindical, reunido dia 28 último junto aos trabalhadores do SAEC, houve entendimentos para a cessação da greve. Caso não sejam atendidos, porém, em todas as suas reivindicações, os trabalhadores daquela autarquia entrarão em greve geral.

### Neva diretoria

Tomou posse, dia 29 último, em Campos, a nova diretoria eleita no Sindicato dos Carris.

### Comício

Um grande comício deverá se realizar domingo, dia 8, em Campos, pela elegibilidade dos senhores e contra as declarações do comandante do II Exército. Delegações de camponeses do Imbé estarão presentes, como também o vereador Jacé Barreto e líderes Sindicais.

### Moção

Foi aprovada moção apresentada na Câmara Municipal de Campos, pelo vereador Jacé Barreto, contra o racismo nos EUA.

### Metalúrgicos

Iniciando campanha pelo salário profissional, centenas de metalúrgicos fluminenses resolveram, segunda-feira passada, em Assembleia Geral, aprovar a tabela apresentada pela comissão encarregada de elaborá-la.

As bases a serem aprovadas serão parte integrante dos futuros Acordos Salariais entre a classe e as empresas metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico.

A tabela regula entre 3 e meio salários mínimos a 2 e meio salários mínimos nas diversas profissões.

### Imbé

O Sindicato dos Pequenos Lavradores e Trabalhadores Autônomos do Município de Campos, enviou ofício ao sr. Pinheiro Neto, presidente da SUPRA, no sentido de colocá-lo a par do descontentamento dos lavradores e municípios adjacentes, frente ao desrespeito à Justiça por parte de usineiros gananciosos, como os da Usina Queimados e da Usina Sapucaia, pertencente ao conhecido latifundiário João Cleofas.

Embora tenha sido dada missão de posse da área do Imbé, e feito o depósito correspondente por parte da SUPRA, grileiros e latifundiários, num frontal desrespeito às autoridades, armaram seus capangas e não permitem que ninguém se aproxime das terras que não lhes pertencem. Apenas os donos da Usina do Cupim aceitaram as decisões da Justiça. O ofício enviado tem a finalidade de pedir ao sr. Pinheiro Neto que tome providências energéticas.

### Prosegue a greve nos estaleiros Verolme

Prosegue firme a greve dos operários navais do estaleiro Verolme, no Estado do Rio, iniciada segunda-feira 30 de setembro em protesto contra a demissão de 44 trabalhadores.

A demissão dos trabalhadores foi enviada pela empresa, em carta enviada ao Sindicato dos Operários Navais, onde se afirma a ameaça de despedir cerca de 100, alegando falta de trabalho. A direção da companhia, estrangeira (holandesa) por sinal, procura, na carta, jogar os trabalhadores contra o governo, responsabilizando-o pelas atuais dificuldades.

Os trabalhadores dos demais estaleiros vão reunir seu Conselho Geral a fim de tomar posição em relação à posição que devem tomar em solidariedade a seus companheiros da Verolme, havendo mesmo a possibilidade de uma greve geral dos operários navais fluminenses, de vez que a posição dos trabalhadores é continuar a luta até a readmissão dos despedidos.

### Comício-monstro

A Frente de Mobilização Popular do Estado do Rio, reunida dia 28 último na Assembleia Legislativa, resolveu fazer realizar no dia 4 um comício-monstro, no Jardim S. João, às 18 h. Além dos deputados federais Leonel Brizola e sargento Garcia, os deputados estaduais Ferreira Pinto, Oliveira Rodrigues, João Kiffer Neto, Aristóteles de Miranda Melo e Afonso Celso Nogueira estarão presentes.

Delegações camponesas de diversos municípios estão sendo esperadas. Dada a grande importância que tem este ato, a Frente de Mobilização Popular está convidando todo o povo em geral.

### Apelo

Reafirmando seu apoio à classe dos sargentos, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Vestuário de Niterói e S. Gonçalo, enviou telegrama aos presidentes da Câmara Federal e do Supremo Tribunal Federal.

Por outro lado, a Federação dos Metalúrgicos do Estado do Rio distribuiu nota oficial, protestando contra os conceitos emitidos pelo comandante do II Exército, tachando o CGT, Pacto de Unidade e Ação e Forum Sindical de "serpentários peçonhentos e inimigos da pátria".

de cerca de cinco mil operários.

Contra a manifestação dos trabalhadores, voltou-se a ira do governador-moambreiro, Plínio Coelho, que aprestou-se em tentar reprimir o movimento grevista, determinando a prisão de todos os dirigentes sindicais da capital. No entanto, o plano sinistro não pôde ser executado com todos os seus detalhes, e a prisão de três dirigentes sindicais fez com que surgisse para Manaus a possibilidade de um comício-monstro, comandado por Mello Bastos, acompanhado de um emissário da Casa Civil da Presidência da República.

O embarque da comissão em direção à capital amazônica deve-se às providências tomadas pela Federação dos Estivadores e ao CGT, que mostraram aos representantes do governo federal as arbitrariedades cometidas pelo governador Plínio Coelho e particularmente a prisão do líder portuário Antônio Viana.

### PARANAGUA PAROU

A mesma hora que os trabalhadores de Manaus, de 10 mil operários de Paranaguá declararam-se em greve geral. O movimento pa-

### Câmara Vai Examinar os Negócios Dos Bancos

A situação do sistema bancário brasileiro deverá ser devanada por uma comissão de inquirição da Câmara dos Deputados, se for constituída ainda esta semana, por requerimento dos deputados Guilherme Machado (Minas Gerais) e Marco Antônio Coelho (Guanabara).

De acordo com o requerimento, a comissão de inquirição da Câmara deverá examinar os lucros do sistema bancário; o redescoberto no Banco do Brasil; operações cambiais; obtenção de cartas patentes; sigilo bancário; vinculação dos estabelecimentos de crédito entre si e suas inter-relações com empresas da natureza industrial, comercial, imobiliária, de financiamento e de investimento.

A comissão parlamentar de inquirição terá nove membros e funcionará por um período de 180 dias, com uma verba de dois milhões de cruzeiros para poder trabalhar.

### APOIO DOS BANCARIOS

A assembleia dos bancários de domingo aprovou, por unanimidade, um voto de louvor aos deputados Guilherme Machado e Marco Antônio Coelho. Ao ler o texto do requerimento de constituição da comissão, o líder bancário Aluísio Falcão afirmou que a desavisa do sistema bancário é uma necessidade e que os bancários sempre a desejaram.

### novos fumos

Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Diretor Orlando Romfim Júnior Diretor Executiva Pragmon Carlos Borges Redator Chefe Luis Cassiano Gerente Guttemberg Cavalcanti Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, sala 1713 — Telefone: 42-7844 — Gerência: Rua Leandro Martins, 74, 1.º andar (Centro) Endereço telegrafico NOVOSRUMOS EDIÇÃO DE MINAS GERAIS Redação e Administração Rua dos Carijós 121, 2.º andar, 8/204 Tel 4-6098 — Belo Horizonte Sucursal de São Paulo Rua 15 de Novembro, 326, 8.º andar, sala 837 — Telefone 25-0453 Sucursal do Paraná Rua José Loureiro, 123 — 8.º andar, sala 211 — Curitiba

Assinaturas	Anual	Cr\$ 1.900,00
Semestral	Cr\$ 900,00	
Trimestral	Cr\$ 500,00	
Assinatura Área	Anual	Cr\$ 2.200,00
Semestral	Cr\$ 1.200,00	
Trimestral	Cr\$ 600,00	
Número avulso	Cr\$ 20,00	
Número atrasado	Cr\$ 30,00	

# Brizola Nos Metalúrgicos: CGT é Autêntico Representante Dos Trabalhadores

A nota divulgada pelos ministros militares foi bastante feliz quando mostrou ao povo brasileiro as forças antidemocráticas que, encabeçadas pelo governador da Guanabara, querem colocar o Brasil na condição de uma república a serviço de potências e de grupos estrangeiros. Foi o que afirmou o deputado Leonel Brizola, na noite do dia 1.º, durante o grande ato público de desagravo ao CGT, realizado no Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara, com a presença de mais de cinco mil pessoas.

Em seu discurso, o deputado asseverou que "o pronunciamento dos ministros militares abre uma nova fase da vida política brasileira, isso porque os militares entraram no processo político pelas retormas, apontando à Nação os verdadeiros empelchões à libertação do Brasil". Continuou o sr. Leonel Brizola: "A declaração dos chefes das nossas Forças Armadas está repleta de um grande caráter legalista, pois nós devemos ter como certo que nossos ministros não falam pelas entrelinhas".

Referindo-se à situação geral do País, afirmou que "a única solução é a unidade e a ação conjunta de todas as forças populares na luta pela vitória do povo, contra o antipovo, que é representado no Brasil pela ação detestável de políticos vendidos a grupos estrangeiros".

Depois de condenar os ataques contra o CGT, legítimo órgão representante dos trabalhadores, Brizola declarou que "o direito de greve é um direito que além de estar assegurado na Constituição, é uma conquista das forças populares, e não pode ser limitado sob nenhum argumento, pois se os trabalhadores vão à greve é porque a exploração a que estão submetidos não mais lhes permite sequer continuarem a viver como pessoas humanas".

Concluindo, o deputado Leonel Brizola ressaltou a

o líder operário declarou que "o Exército vem mantendo sua tradição democrática que remonta ao século passado, quando os militares não acclamaram o papel de capitães do matou. Hoje, essa tradição democrática o incorpora à nossa luta pela libertação do Brasil do jugo monopolista do imperialismo norte-americano. Por outro lado, os agentes que agem em nome dos senhores ministros para defender seus interesses em nosso País, devem saber que nós estamos unidos e que esse união é mais forte do que qualquer associação das classes chamadas produtoras.

Referindo-se aos ataques que vem sendo desenvolvidos contra o CGT, disse o líder operário: "Quando reprimamos as declarações do general Peri Beviláqua não confiamos em nosso físico e sim na força da classe operária, pois unidos a essa força temos a certeza de que nenhuma patente vai tirar o CGT do lado dos trabalhadores. Osvaldo Pacheco, analisando a posição tomada pelo governador do Amazonas durante as greves que se processaram naquele Estado, declarou que "o sr. Plínio Coelho adotou uma posição monstruosa que não conseguiu desunir a classe operária, mas serviu para desmascarar o falso trabalhista que, ao invés de estar do lado dos trabalhadores, está ao lado dos assassinos do povo".

O líder portuário concluiu apelando para a união e para a organização de todos os trabalhadores brasileiros na luta pelas reformas de base, afirmando que os trabalhadores devem desenvolver uma luta contínua contra aqueles que querem fazer da conciliação uma forma eterna de política, pois a conciliação prejudica os interesses da Nação e os trabalhadores.

### LELLIS, UNE E UBES

Além do deputado Leonel Brizola e do representante do CGT, falaram também o presidente do Sindicato dos

Metalúrgicos, José Lellis da Costa, o vice-presidente da UBES, Marco Aurélio Borba e o presidente da UNE, estudante José Serra, que denunciou a intenção das chamadas classes produtoras que querem deflagrar um "lock-out" contra o povo, afirmando, entretanto, que "os banqueiros estão enganados quando pensam que podem fechar os bancos, pois a única força capaz de fechá-los é a unidade que atinge a classe bancária. E assim como os banqueiros não podem fechar seus bancos ao povo, os outros representantes dessas pretensas classes produtoras devem saber que não podem fechar coisa nenhuma."

Afirmou ainda o presidente da UNE, que "as classes ditadas produtoras estão unidas pela sanha de lucros, enquanto as forças populares estão aglutinadas pela libertação do Brasil, e é necessário

### Ajuda a NOVOS RUMOS

Barbeiro de Colégio (Rio-GB) ..	100,00
Amigo de Colégio (Rio-GB) ..	50,00
Hoteleiros (Rio-GB) ..	900,00
Marítima Patriota (Rio-GB) ..	1.000,00
Elias Nicolau Martins (Rio-GB) ..	2.000,00
José Lima da Silva (Rio Bonito-RJ) ..	100,00
Um amigo de Nilópolis (RJ) ..	200,00
Lista de Estivadores (Rio-GB) ..	5.000,00
Moradores de Benfica (Rio-GB) ..	1.000,00
Amigos de Curitiba (PR) ..	500,00
Amigos de Cosmos (Rio-GB) ..	700,00

sa luta pela libertação do Brasil que os operários fazem greves por melhores salários, greves que contem com a solidariedade dos estudantes.

Numerosos líderes sindicais e parlamentares participaram da manifestação. Entre eles os deputados, Max da Costa Santos, Hércules Corrêa, João Massena, Paulo Alberto, José Dutra, e ainda o comandante Mello Bastos e outros membros do CGT, além de várias representações sindicais de todo o País.

### novos fumos

Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Diretor Orlando Romfim Júnior Diretor Executiva Pragmon Carlos Borges Redator Chefe Luis Cassiano Gerente Guttemberg Cavalcanti Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, sala 1713 — Telefone: 42-7844 — Gerência: Rua Leandro Martins, 74, 1.º andar (Centro) Endereço telegrafico NOVOSRUMOS EDIÇÃO DE MINAS GERAIS Redação e Administração Rua dos Carijós 121, 2.º andar, 8/204 Tel 4-6098 — Belo Horizonte Sucursal de São Paulo Rua 15 de Novembro, 326, 8.º andar, sala 837 — Telefone 25-0453 Sucursal do Paraná Rua José Loureiro, 123 — 8.º andar, sala 211 — Curitiba

Assinaturas	Anual	Cr\$ 1.900,00
Semestral	Cr\$ 900,00	
Trimestral	Cr\$ 500,00	
Assinatura Área	Anual	Cr\$ 2.200,00
Semestral	Cr\$ 1.200,00	
Trimestral	Cr\$ 600,00	
Número avulso	Cr\$ 20,00	
Número atrasado	Cr\$ 30,00	

# Golpe é Para Entregar o País



Desenvolvimento e ajuda externa

## A Nota Dos Ministros Militares

Na noite de segunda-feira, dia 30, os três ministros militares, em nota conjunta, repudiaram as declarações antinacionais do governador da Guanabara prestou, em entrevista, ao jornal norte-americano "Los Angeles Times". A nota salienta que o pronunciamento de Carlos Lacerda foi o fecho de uma conspiração que as classes produtoras e grupos interessados em sustar o desenvolvimento nacional vêm tramando para impedir que o Brasil alcance sua emancipação econômica. O documento dos ministros militares indica que, encabeçando a campanha contra o novo País, estão o governador da Guanabara e o de S. Paulo, Ademar de Barros. É o seguinte o texto da nota: "Jornal norte-americano publica, em primeira mão, entrevista do Governador da Guanabara, concedida ao Sr. Julian Hart, correspondente no Brasil do 'Los Angeles Times', em que, a par de suas costumeiras injúrias ao Governo brasileiro, o referido entrevistado procura apresentar nosso País como qualquer república subcolônica, mendigando esmolas, o nosso povo, um povo desfraldado, incapaz de orientar-se sem tutelas estrangeiras, entregue a um bando de saqueadores comunistas. Não causou nenhuma surpresa o aparecimento deste 'fato novo', lançado de acordo com a técnica conspiratória aprendida pelo entrevistado, quando líder da Juventude Comunista. Em toda esta vastíssima campanha de agitação que está sendo conduzida para levar o País à desorientação e à desordem, inclusive com ameaça de 'lock-out', com a paralisação de setores da vida econômica do País, fechamento da indústria, e de comércio, inclusive de medicamentos e de gêneros alimentícios, que o Governo já vem denunciando a opinião pública, sentiu-se que estava sendo apanhado, e, portanto, que o fecho revelou-se, e revelou-se de maneira mais lamentável, inesperada e impatriótica, ferindo os brtos do povo e atingindo a própria dignidade das Forças Armadas, existentes no instante em que o Ministro da Fazenda desempenha em Nação amiga missão da maior importância para os interesses nacionais. As dificuldades econômicas e sociais do País estão sendo agravadas pelas manobras de minorias extremistas. De um lado, os produtores da revolução procuram destruir as lutas de classe.

De outro lado, agitam-se os grupos interessados em conter o desenvolvimento e fazer regressar a evolução social e a emancipação econômica do Brasil. Sucedem-se as provocações como esta, e outras, também, do Governador de São Paulo, que ainda ontem, insultava o poder constituído da República, o que mostra a estranha criação de um organismo de agitação e de desordem. Um brasileiro, exercendo honroso cargo público em sua Pátria, dá-se ao desplante de, utilizando correspondentes estrangeiros e modos de divulgação estrangeiros, investir caluniosamente, em País estrangeiro, contra as autoridades de nosso País, escovadas livremente pelo povo, atribuindo-lhes intus e contra as Forças Armadas de seu País, atribuindo-lhes conciliabulos de traidores; investir contra o poder de seu País, atribuindo-lhe predicados de subversividade, de ignorância, de incompetência e incapacidade, para lutar pela emancipação de sua Pátria. Em toda sua entrevista, falou apenas a vos de um mau brasileiro. Neste momento em que a Nação, confiando no patriotismo e na dedicação de seus verdadeiros filhos, orientada pela sua Excelência o Senhor Presidente da República, e o brasileiro que é o Presidente de todos os brasileiros e não apenas o porta-voz de pretensões elites nacionais — clama ansiosamente por paz e harmonia para trabalhar e progredir, os Ministros Militares, a par de repudiar totalmente a ação deste mau cidadão, conclamam as forças vivas da Nação a correr fileiras em torno das autoridades constituídas, da Lei e da ordem, para que possam ser atingidos os objetivos que nos sustentam e que vivemos, temos a certeza disto, num grande País, sob uma civilização verdadeiramente cristã. Na preservação da autoridade do Presidente da República, da ordem, da lei e do regime, as Forças Armadas advertem que serão inflexíveis, rigorosas e decididas na ação preventiva e eficaz na defesa da Nação.

As dificuldades econômicas e sociais do País estão sendo agravadas pelas manobras de minorias extremistas. De um lado, os produtores da revolução procuram destruir as lutas de classe.

A reputação entrevista do apátrida Carlos Lacerda a um jornal norte-americano foi o ponto culminante, até agora, da propaganda e preparação do golpe entreguista em plena marcha. A abjeta atitude assumida por Lacerda é sua parte no plano, intensificado especialmente após o recente julgamento do TFR cassando as concessões de FFA e Hanna. Lembremos aqui outros aspectos do plano, anteriores: 1 — o funcionamento a pleno vapor de um dispositivo a serviço da "guerra psicológica", montado nas Secretarias de Segurança da Guanabara e de São Paulo, chefiadas respectivamente pelo coronel Gustavo Borges e general Adélio Barbosa, golpistas profissionais. Segundo denúncia publicada pela "Folha de S. Paulo" (28 de setembro último), esse dispositivo vem promovendo ondas sucessivas de boatos e notícias alarmistas, em combinação com um outro dispositivo, mantido por pátrios militares, e cuja frente se encontram os generais Cordeiro de Farias, Orlando Geisel e Ernesto Geisel. De acordo com a referida denúncia (não contestada), essas militares estavam ligados ao antigo chefe do Serviço Secreto do Exército, coronel Carlos Alberto, em combinação com o IBAD e o IPES, articulando e levando à prática o movimento de "solidariedade" das forças reacionárias à provocação lançada pelo general Peri Bevilacqua contra os sargentos e o movimento sindical, em particular o COT; 2 — a preparação que se faz oficialmente em S. Paulo, sob a direção pessoal de Ademar de Barros, para a resistência armada às reformas de base e às reivindicações dos trabalhadores. Na última semana, o governador de S. Paulo chegou a anunciar, abertamente e em insolente tom de desafio, sua disposição de empunhar armas "em defesa da lei". Ademar não só vem distribuindo armas aos latifundiários e grupos terroristas, de São Paulo, mas inclusive está mandando arma-

mentos para outros Estados, como ficou comprovado há poucos dias ao ser apreendido um carregamento de armas, no Rio, procedentes de São Paulo; 3 — a atitude provocativa de setores reacionários como os banqueiros, pretendendo não discutir sequer com os bancários a renovação do contrato de trabalho e encaminhando-se na disposição de não atender às reivindicações dos trabalhadores e de retirar-lhes direitos já adquiridos e consolidados. Assinala-se que o presidente do Sindicato dos Bancos, Melo Flores, é diretor em nosso País do Manhattan Chase Bank, do grupo Rockefeller; 4 — a articulação de lock-out pelas organizações representativas das chamadas "classes produtoras", tendo à frente a Associação Comercial da Guanabara, presidida pelo conhecido golpista Rui Gomes de Almeida. Especulando com a greve dos bancários provocada intencionalmente pela intrinsecidade dos banqueiros, aquelas entidades patronais visavam suspender o funcionamento de toda a indústria e todo o comércio — inclusive de gêneros alimentícios e produtos farmacêuticos — para levar ao máximo o clima de pânico propagador do golpe. Estas são alguns elementos apenas da articulação golpista, os mais evidentes. Por trás deles, desenvolve-se a conspiração. E ao seu lado, desencadeia-se uma feroz campanha contra as forças nacionalistas e democráticas, especialmente contra o movimento sindical, atingindo em primeiro lugar o Comando Geral dos Trabalhadores. Nesse quadro, surge a abjeita entrevista de Lacerda. O repente apátrida falou a um jornal norte-americano, o "Los Angeles Times", sendo a entrevista difundida pela Associated Press. Em resumo, depois de repetir suas costumeiras provocações, Lacerda prevê a derrocada do governo do sr. João Goulart, até o fim do ano e pede aos Estados Unidos que nos tratem como uma "filial". Eis textualmente o que disse o apátrida: "Descartando a bem intencionada ideia americana de 'vamos ajudar esse país', disse o Governador que 'já é tempo de olharmos uns para os outros como associados, e dizer: que está

acontecendo à nossa filial democrática na América do Sul?'. Quer dizer: para Lacerda o Brasil é uma filial dos Estados Unidos, do mesmo modo que a Esso Brasileira de Petróleo é uma filial da Standard Oil. E a uma matriz não se pode negar o direito de intervir na filial, sempre que considere necessário faz-lo. A ideia de intervenção é, aliás, defendida na entrevista pelo próprio Lacerda. Eis outro trecho textual da entrevista: "Exprimindo uma real preocupação de que o Brasil, talvez mais cedo do que os brasileiros imaginam, possa 'caminhar não para trás, mas para a frente, para a normalidade', Lacerda disse que este seria o momento em que a 'cooperação e compreensão' americanas seriam mais aplicáveis". O ato de traição à Pátria consumado por Lacerda, despertou a mais profunda e legítima indignação em todo o País. Através da nota oficial assinada pelos três ministros militares, o Governo repeliu a provocação, denunciando os governadores da Guanabara e de São Paulo como cúmplices numa trama golpista. Há nessa nota, contudo, referências absolutamente despropositadas a "minorias extremistas", retiradas do superado jargão anticomunista. De que "minorias" se trata, afinal — os trabalhadores, as massas populares, a juventude empenhada na luta pela emancipação nacional e as reformas de base e que constituem, não uma "minorias", mas a esmagadora maioria da sociedade brasileira? No Brasil de hoje, "minorias" é o IBAD, o BANCAP, o Sindicato dos Bancários e os círculos reacionários dos velhos partidos, enquanto a maioria é representada pelo CGT, a Frente de Mobilização Popular, a UNE, a FPN e, em geral, as forças nacionalistas e democráticas. Esse, portanto, o ponto fraco e falho da nota dos ministros militares, que, entretanto, em sua defesa, repete a afronta desfechada por Lacerda contra a honra nacional e aponta ao povo a trama golpista em curso. Para enfrentar e derrotar essa trama antinacional não pode o Governo seguir outro caminho senão o de apoiar-se na maioria da Nação — os trabalhadores, o povo, os patriotas.

É não apenas incorreta, como falta e esse segundo a qual o desenvolvimento econômico do Brasil só poderá ser alcançado mediante a ajuda estrangeira, ou, em particular, do capital estrangeiro. Em verdade, é um fato até oficialmente reconhecido que o projeto alcançado por nosso país se deve, essencialmente, aos nossos próprios recursos. E, embora ainda não tenha tido a ratificação oficial, já é hoje bastante estrangeiro o entendimento de que o capital estrangeiro — sobretudo sob a forma de investimento — é fator de contenção e não de impulso do desenvolvimento econômico. Analisando a questão em termos gerais, o professor Paul Baran considera que podem ser obtidos incrementos na produção (1), mediante a incorporação de fatores que, embora existentes, acham-se ausentes do processo produtivo (no Brasil, poderíamos mencionar, por exemplo, a terra e a mão-de-obra, separadas uma da outra por um sistema superado de propriedade territorial); 2) pelo aumento de produtividade, por unidade de recursos utilizados (redistribuição de mão-de-obra, ampliação da jornada de trabalho, melhoria na nutrição dos trabalhadores, racionalização dos métodos de produção, melhor utilização dos combustíveis e matérias-primas, etc.); 3) pelo fortalecimento do "braço técnico" da sociedade, seja a) através da simples reposição de instalações e equipamentos envelhecidos por outros novos, e de mais alto nível tecnológico, seja b) através do acréscimo de novas instalações produtivas, mais aperfeiçoadas ou até tecnicamente iguais às antes existentes. Nos três primeiros casos, o aumento da produção não está associado tipicamente a um investimento líquido, porém o professor Baran, acrescentando, adverte "que a aplicação econômica do conhecimento técnico crescente e do investimento líquido em instalações produtivas adicionais foram as fontes mais importantes do crescimento econômico" (O grifo é nosso). Significa, portanto, que a ajuda estrangeira, sob determinadas condições — ditadas pelos interesses do país ajudado e não, como até aqui tem sido, pelo do país que a presta — desempenhar um papel positivo e acelerar o desenvolvimento. Colocado o problema nestas bases,

avizojamos como é de todo indefensável a atitude que vem prevalecendo entre nós até esta parte com relação à ajuda estrangeira. Pois praticamente temos renunciado a toda série de ajuda por parte de algumas nações — especialmente as socialistas — enquanto os nossos recursos próprios, essenciais e de desenvolvimento em recursos oriundos de países imperialistas. Se bem que há mais de dois anos temos uma oferta oficial de créditos da Área socialista em montante de mais de 400 milhões de dólares. No entanto, não utilizamos tais créditos. Mas, ao mesmo tempo, continuamos com os olhos postos num engodo, como a "Aliança Para o Progresso". Ainda recentemente, o vice-presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Mr. Graydon Upton recordava que em Punta del Este fora estimada como necessária uma canalização de 2 bilhões de dólares por ano para a América Latina, sob a forma de empréstimos e financiamentos novos, empréstimos compensatórios e doações. Posteriormente aquelas necessidades mínimas foram reestimadas em mais de 2,5 bilhões de dólares anuais. Entretanto, é ainda ele quem frisa, apesar dos recursos nominais dos Estados Unidos para a América Latina, em 1962, terem totalizado 1,2 bilhão de dólares (menos da metade da quantia estimada), os recursos realmente transferidos foram inferiores a 700 milhões de dólares. Outros depoimentos interessantes, também de um norte-americano, o professor Stefan Rohok há 18 meses, os Estados Unidos concederam para "ajuda" ao Nordeste um crédito de 131 milhões de dólares (largamente trombetado pela imprensa). Pois, desse total, foram aprovados apenas 8 milhões de dólares, correspondentes a seis projetos. Ainda sobre as razões da conduta norte-americana: a Companhia Siderúrgica Nacional acaba de ver frustradas suas pretensões de obter um crédito de 50 milhões de dólares nos Estados Unidos para ampliar sua capacidade produtiva — devido ao fato de não haverem, os brasileiros, concordado com a negociação da Bond & Share. Disse tudo e corre uma linha: atualmente, podemos receber ajuda estrangeira e dizer também em que condições ela nos convém.

## A Viagem de Tito Sivalva Palmeira

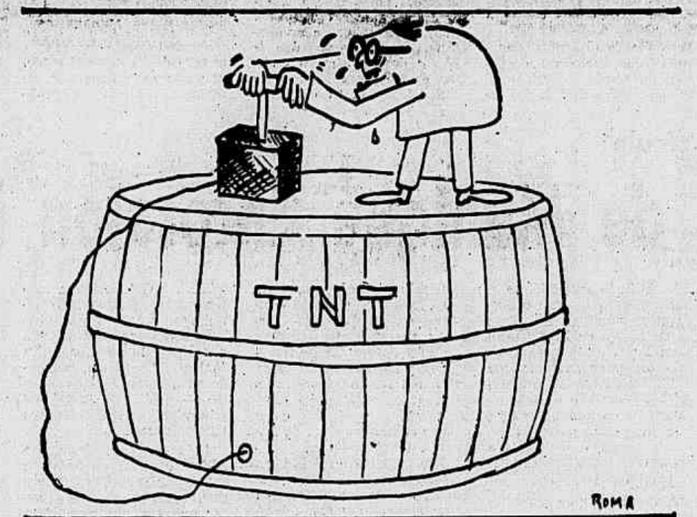
A atuação de nossos representantes na Assembleia das Nações Unidas demonstra que começa a apresentar resultados a visita do presidente Tito ao Brasil. A visita não serviu apenas para consolidar nosso intercâmbio econômico e cultural com a Jugoslávia, mas também para estabelecer relações com aquele país, pois não existe nenhum truste jugoslavo nem explorando e opinando, nem nenhum banco daquele país canalizando capital nacional para firmas estrangeiras. Durante o show de propaganda organizada contra a visita do marechal Tito houve quem falasse em sacerdotes católicos jugoslavos em fogueiros na Jugoslávia. Na Assembleia Legislativa do Distrito Federal, o deputado Danilo Nunes citou essa acusação fantástica e ao mesmo tempo grotesca, pelo absurdo que encerra. Talvez essas apalmonadas notícias da Jugoslávia e de todos os países socialistas, aludindo a sacerdotes queimados, tivessem cometido um erro de geografia, confundindo o Vietnã com o Vietnã, onde na verdade os tempos são invadidos e os sacerdotes queimados.

Da tribuna da Assembleia Legislativa, às vésperas da chegada ao Brasil do presidente jugoslavo, teve oportunidade de responder a pronunciamentos de dois deputados da extrema direita. Com efeito, são os setores mais antidemocráticos, sob um governador, Ademar de Barros, irritar-se com a visita de Tito ao Brasil. Para a quase totalidade dos brasileiros a visita foi recebida como altamente significativa. O marechal Tito representa um governo com o qual mantemos as melhores relações. Nosso povo, que é patriota e que ama a liberdade, sabe que Tito é um herói da guerra revolucionária de sua pátria contra os invasores nazistas. Sabe que, iniciada a guerrilha, a cidade não montanhas e que depois empolgou o país inteiro, abriu o caminho do poder popular na Jugoslávia. Hoje, no próprio município de conservador, as pessoas não tocam de fanteísmo reacionário reconhecem que o comércio da Jugoslávia com os países latino-americanos, particularmente com o Brasil, é dos mais prósperos. No discurso que pronunciou na Assembleia Legislativa sobre o assunto, citando a visita americana, afirmou: "A grande repercussão da visita de Tito ao Brasil ainda não pode ser avaliada em sua extensão. Pode-se, entretanto, prever que será imensa, principalmente pela ameaça da luta pela paz, contra as armas nucleares e pelo desarmamento total."

## CGT Ordena Mobilização de Todos os Trabalhadores

O Comando Geral dos Trabalhadores, a propósito dos últimos acontecimentos políticos, lançou manifesto, após reunião realizada na sede do Sindicato dos Metalúrgicos com representantes do Pacto de Unidade e Ação, da Comissão Permanente das Organizações Sindicais, da UNE e da UBEZ, no qual aplaude o pronunciamento dos ministros militares contra os governadores Carlos Lacerda e Ademar de Barros, reafirma sua luta pelas reformas de base e conclama as organizações e entidades sindicais a mobilizarem os trabalhadores e contra qualquer tentativa de interrupção do processo democrático. É o seguinte, na íntegra, o manifesto distribuído pelo CGT: "Ao povo brasileiro e aos trabalhadores: O Comando Geral dos Trabalhadores, face à nota divulgada pelos ministros militares, vem de público expressar sua opinião sobre os fatos que agitam neste momento a vida política nacional. I — Reafirmamos que as causas da inquietação, das greves e choques sociais existentes em nosso País por força da miséria que envolve os lares das grandes massas trabalhadoras, estão na espoliação do capital estrangeiro e no domínio do latifúndio, que oferecem ao povo brasileiro o triste espetáculo de sucessivos ministros da Fazenda se transportando aos Estados Unidos a solicitar empréstimos e negociar pagamento de dívidas com o aconite neste momento com o ministro Carvalho Pinto. II — Declaramos aos trabalhadores, ao povo, ao presidente da

República e aos ministros do Estado que estamos, como sempre estivemos, na luta pelas reformas de base e em favor do progresso do Brasil, mas não aceitaremos sem luta: que se tomem medidas de repressão ao movimento sindical e às lutas progressistas e democráticas de nosso povo, a pretexto de manter-se a ordem e a tranquilidade que nos é tirada pela espoliação das empresas estrangeiras e do latifúndio; pelas conspirações de Carlos Lacerda e Ademar de Barros, contra os ministros chefes dessas forças que a todos ritmos conspiram contra as liberdades democráticas e sindicais, visando à liquidação da luta dos trabalhadores e do nosso povo pela emancipação política e econômica-social do Brasil. III — Aclamamos a atitude dos ministros militares, denunciando à Nação os governadores Carlos Lacerda e Ademar de Barros como chefes dessas forças que a todos ritmos conspiram contra as liberdades democráticas e sindicais, visando à liquidação da luta dos trabalhadores e do nosso povo pela emancipação política e econômica-social do Brasil. IV — Renovamos ao Governo o apoio do movimento sindical para todas as medidas que visem a baixar o custo de vida e efetivar, desde já, o processo de emancipação de nossa pátria através das inadiáveis reformas de base. Finalmente, atento ao processo conspiratório desses grupos em boa hora denunciados pelos ministros militares, o Comando Geral dos Trabalhadores conclama todas as organizações e entidades sindicais a convocarem assembleias e a manterem mobilizadas suas categorias, a fim de não serem apanhados desprevidos por qualquer tentativa de interrupção das liberdades democráticas e sindicais."



IGNORÂNCIA DE BARROS — marco Antônio

### Inoperância do Congresso

Seis meses de atividades do Congresso já permitem um balanço de seu comportamento. Não obstante se tratar de uma nova legislatura, muito marcada ainda pelas frescas promessas feitas ao povo, sente-se que as duas Casas do Congresso não responderam às expectativas populares nesse meio ano de trabalho. Apenas duas leis de importância foram elaboradas: a lei relacionada com o aumento do funcionalismo civil e militar, e a do salário-família. Quanto à primeira, tratava-se de uma exigência irredutível e inadiável, sendo, pois, imposta pela situação, devendo-se assinalar que em seu bojo saíram, com aspectos impopulares, alguns dispositivos relacionados com o empêimento compulsório. Também a lei do salário-família foi aprovada com imperfeições. E verdade que nesses seis meses nenhuma lei claramente reacionária ou entreguista foi aprovada pela Câmara ou pelo Senado, provando isso que o grupo parlamentar progressista hoje já dispõe do poder de veto dentro do Congresso. Mas, de outro lado, é indispensável concluir que as grandes leis exigidas pelo povo como que abriram caminho para a promoção de reformas não foram promulgadas. Assim, se temos força para barrar o caminho da reação

no Parlamento, esta, igualmente, impede iniciativas progressistas e patrióticas. Do ponto de vista político, a Câmara está atuando também por intermédio das Comissões Parlamentares de Inquérito. Neste terreno, o saldo foi a nosso favor. A CPI encarregada de examinar o escândalo das negociações em torno da compra do ferro-velho da Bond and Share auxiliou decisivamente o movimento de massas e conseguiu, até agora, obstaculizar a conclusão da negociação; e a CPI do IBAD já alcançou vitória com o desmascaramento profundo da ação corruptora da máquina montada para fascistar o País. De outro lado, as Comissões de Inquérito de iniciativa dos grupos reacionários — a que investiga pressões sobre o Congresso e a atividade da UNE — não obtiveram êxito concreto. Embora a maioria parlamentar seja evidentemente reacionária, há um certo equilíbrio de forças no Congresso, desde que contamos com importantes recursos políticos extra-parlamentares, ou seja, com a pressão da opinião pública. As correntes progressistas na Câmara dos Deputados tendem a alcançar vitórias consideráveis nesses seis meses se outra fosse a condução do governo federal. Mais do que em qualquer outro lugar, reflete-se vivamente no

Palácio Tiradentes a política de conciliação promovida pelo Executivo; muito justamente, dezenas de deputados nacionalistas criticam as dubiedades do presidente, seus atos contraditórios, suas omissões e até captulações diante dos grandes inimigos do povo brasileiro. Ninguém consegue defender o sr. João Goulart de muitas críticas que lhe são feitas pela solução de problemas populares ou urgentes. Esta política em ziguezague repercute diariamente na Câmara, e insiste o Presidente da República em não exercer a pressão necessária para que se votem as reformas de base. Devido a todos esses fatores, a Câmara sente-se paralisada e amedrontada. Os acontecimentos políticos são a comecimento quando são desmascarados gritantes. O Parlamento a dotar conscientemente a política da avestruz, escondendo a cabeça para não ver a voracidade crescente que vem se aproximando. Qualquer diminuição do clima de crise é saudada com o maior entusiasmo. Assim, os problemas vão sendo postergados, o que vai correndo o resto de esperança que o povo deposita no Congresso. Em tal quadro, o Congresso só reage diante de fatos altisonantes e clamorosos, ante as crises e a possibilidade de seu aguçamento.

## FORA DE RUMO — paulo motto limo

Segunda-feira última houve no ambiente nacional uma sucessão de explosões, como em pedreira, quando se toca fogo nas bananas de dinamite. Uma das bananas foi a entrevista de Lacerda ao "Los Angeles Times". Salve ele! Nessa entrevista o governador da Guanabara previu a queda do presidente Goulart até dezembro. Informou a seus amigos dos Estados Unidos que as Forças Armadas discutiam diversas possibilidades, entre as quais talvez controle, patrocinado, mantido sob o jugo ou destituição. A entrevista, que repercutiu agora, foi conhecida há pouco menos de um mês. Como o ambiente nacional, tem sofrido nas últimas semanas alterações constantes, a entrevista ao "Los Angeles Times" chegou ao Brasil num momento desfavorável ao autor daquelas vitórias, acompanhadas de conceitos em que o patriotismo de Lacerda fica mais por baixo que o do próprio Quisling. Tomou-se conhecimento no Brasil da entrevista de Lacerda em pleno calor da greve dos bancários, quando em setores do Governo Federal já se estabelecia ligação entre a provocativa intolerância dos banqueiros e outros fatos, como a ligação do presidente do Sindicato dos Bancários, Melo Flores, com o IBAD, as articulações golpistas de Ademar de Barros, que passava a ameaçar com a Força Pública de São Paulo e os preparativos de lock-out dos tubarões do comércio e da indústria, em ligação com os banqueiros. Havia ou-

tros sinais de articulação golpista. O relato de Lacerda, no jornal de Los Angeles, coincide em muitos pontos com uma situação concreta: conspiração dele mesmo e de seu colega Ademar; o general Peri, consciente ou inconscientemente, lançando azeite no foguete; os banqueiros provocando os bancários, preparando o colapso econômico e mantendo articulação com a gortilada pansana da indústria e do comércio. Devem os serviços de inteligência das Forças Armadas identificar, nessas andanças a técnica do "pitch", coisa de "ultras", coisa de fascistas. Mas a declaração dos ministros militares, embora apresentando o mérito de denunciar com energia os responsáveis pela agostada de outubro, vê na colaboração de Lacerda, em termos da entrevista do homem da Carteira Brandt vestigado da "técnica conspiratória" prestada pelo Comunista". Os comunistas, participantes do grande movimento nacionalista, não conspiram nem ajudam para que a situação brasileira com a participação do povo em sua aplicação. O "pitch", hoje mais do que nunca, é tipo de desespero dos "ultras", de recursos de Lacerda e Ademar, inimigos do povo. Não é bonito um militar perder a visão real dos fatos, deixando-se levar por preconceitos ultrapassados, do tempo em que Adão era cadete.

# Povo Português em Luta Para Derrubar Salazar

## DIPLUSA DA CULTURA

Acaba de completar 15 anos o Museu da Silesia, com sede em Wrocław, Polónia. Nesse período, essa instituição desenvolveu um importante trabalho de difusão cultural. Suas galerias de pintura polonesa, fotografia artística, artesanato e de arte medieval foram visitadas por 2.500.000 pessoas. Funcionários do Museu proferiram cerca de 6.000 conferências em escolas, clubes e casas de cultura. Em 700 localidades da região da Baixa Silesia foram realizadas exposições, com um total de 1.500.000 visitantes. A instituição promove, também, concertos de música clássica e exibições cinematográficas sobre a história da Arte, além de controlar outros 12 museus regionais.

## HUNGRIA EXPORTA

A indústria húngara de metalurgia e mecânica fabricou no ano de 1962 artigos de exportação no valor de 20 bilhões de florins, isto é, mais 2 bilhões que no ano anterior. A Fábrica de Máquinas de Budapeste produziu, em 1962, quase 700 máquinas pesadas, particularmente os tornos E-400, premiados em exposições internacionais. Onde a exportação assumiu maiores avanços foi no ramo de instalações de transmissão, com 150% de aumento. Um aparelho desse tipo, produzido na Fábrica de Telecomunicações BHO, possibilita doze conversações telefônicas, num par de linhas ocupadas, ao mesmo tempo.

## FUGIRAM DE BOÏM

Continua a crescer o número de cidadãos da Alemanha ocidental que se transferem para a República Democrática Alemã. No mês de agosto último, foram acolhidos nos estabelecimentos existentes ao longo da fronteira ocidental da RDA um total de 1.112 alemães vindos da RFA. Depois de permanecerem de 10 a 15 dias nos postos de acolhida, foram encaminhados para várias cidades, onde receberam trabalho e moradia. Somente na última semana de agosto, chegaram 239 emigrantes, entre eles 76 jovens de 19 a 25 anos.

## CAME NÃO IMPEDE

O comércio exterior da Tchecoslováquia aumentou, nos últimos três anos, de 26%. No mesmo período, as operações comerciais tchecas com os países do Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAMU), subiram de 40% e com os países em desenvolvimento, de 19%. O aumento das transações com os países asiáticos foi de 35% e com os africanos de 18%. Porta-voz do governo, falando na inauguração da Feira Internacional de Berne, afirmou que esses dados provam não constituir um impedimento para a intensificação do comércio com todos os países do mundo — como procuram insinuar alguns imperialistas — o desenvolvimento da colaboração entre as nações integrantes do CAMU.

## VERDI NA URSS

Preparam-se na URSS as comemorações do 150º aniversário de nascimento de Verdi, um dos mais populares compositores estrangeiros no país. Verdi esteve duas vezes na Rússia. Suas óperas foram interpretadas pelos mais famosos cantores, como Shalopin, Sobinov, Barsova e outros. São enormes as tiragens das obras do grande compositor italiano na União Soviética. Somente o livro de "Aida" foi editado vinte vezes. O Ministério das Comunicações contribuirá para as comemorações com o lançamento de um selo com o retrato de Verdi. Os principais atos serão realizados no dia de seu nascimento, a 10 de outubro.

## MILAGRO DO DESERTO

O canal de Kara-Kumí, com 800 quilômetros de extensão, foi construído em tempo recorde nos desertos da Ásia Central, irrigando a dezenas de milhares de hectares de terras, transformadas em florescentes hortos, algodões e vinhedos. O canal liga o rio Amu Daria à capital da Turcomênia, Ashkabad. Um trecho de 280 quilômetros (a terceira parte) foi construído em oito meses. Na primavera deste ano, somente o oásis de Murgab recebeu 125 metros cúbicos de água por segundo, e a barragem de Kau-Kan receberá 250 milhões de metros cúbicos de água do rio Amu Daria. O canal Kara-Kumí está transformando a vida dos turcomenos: em suas margens, plantam-se parques floríferos, edificam-se hotéis, constroem-se praias, casas para pescadores e cabanas para esportistas.

## RÁPIDA RECUPERAÇÃO

O estaleiro de Shimo, na República Democrática Popular da Coreia, havia sido reduzido a cinzas pelos norte-americanos. Hoje, foi transformado numa importante base material da indústria pesqueira do país. No período de 1964/62, foram ali reparadas 1.966 embarcações de vários tipos e foram construídos 1.379 novos barcos para pesca.

## INDÚSTRIA FARMACÉUTICA

Antes da guerra, quase todos os medicamentos eram importados da Bulgária, importantes do estrangeiro. Hoje, mais de 80% dos produtos farmacêuticos são produzidos no país. As empresas fabricantes de medicamentos produzem mais de 1.800 tipos, alguns deles muito procurados por outros países. Somente a empresa química-farmacêutica de Sofia fabrica cerca de 660 medicamentos e a maioria é exportada para a Polónia, URSS, Hungria, Coreia, Vietnã, Iugoslávia, RFA, Suíça, Itália, Irã, Iraque, Cêlia, Sudão, Guiné, etc. Destruída de grande conceito no exterior o preparado antituberculoso "INA-17", bem como o "Belason" (contra a doença de Parkinson) e a famosa "Nivalina", de grande efeito curativo contra a poliomielite.



Mais de meio século decorreu desde que o povo português, em levantamento irreprimível, derrubou a Monarquia dos Braganças e implantou a República. A jornada heroica do 5 de outubro de 1910 não teve, entretanto, as consequências que dela esperavam as massas operárias e camponesas do país irmão.

A revolução republicana não foi traidora: foi assassinada quando mal principiava a sentir os seus efeitos sobre as estruturas arcaicas de uma sociedade senil e estagnada. Teve o destino de muitas outras revoluções democrático-burguesas que, como ela, nasceram marcadas por um idealismo ingenuo vale dizer pelas mais perigosas ilusões.

Acreditavam os patriotas de 1910 que pelo simples poder da lei e pelo amor da dignidade humana era possível transformar em profundidade a vida e as perspectivas de um povo. Retomando mitos que a própria Revolução Francesa se havia encarregado de desfazer depois de os criar, os republicanos portugueses trataram de realizar o necessário olvidando o principal. Liquidaram os privilégios da Igreja; instituíram o ensino público obrigatório e gratuito, o divórcio e o casamento civil, o sufrágio universal; democratizaram uma administração feudal — abeirram, numa palavra, Portugal à penetração das ideias renovadoras que então principiavam a varrer a Europa. Mas, embora atacando o privilégio aqui e ali, deixaram-no intacto no essencial, não atacando a estrutura de base da sociedade portuguesa.

O golpe fascista de 28 de maio de 1926 surgiu assim como o desfecho lógico de um processo cuja primeira manifestação fora a ditadura militar de Sidónio Pais durante a Grande Guerra. Os setores mais reacionários da burguesia, ligados a cliques militares, ao imperialismo inglês e ao capital monopolista europeu, assassinaram a República, sufocando as esperanças que ela havia suscitado.

Salazar, bom discípulo de Maurras apareceu, a seguir como homem providencial para a tenebrosa oligarquia que se apoderara do poder. Era a mureta do fascismo. O Estado Novo foi concebido nos moldes do "imperialismo mundial". Mais reacionário ainda, se possível, seu o demônio o fato de a estrutura agrária feudal do sul não ter sido alterada (toda a província do Alentejo é ainda hoje uma imensa sucessão de latifúndios onde um milhão de

camponeses sem terra trava uma luta dramática para sobreviver).

## LUTAS

Durante longos anos, a luta do povo português contra a abjeta tirania de Salazar, embora permanente, tenaz e heroica, não pôde elevar-se a um nível superior. A ausência de uma unidade sólida e atuante entre as forças que combatiam o fascismo, a existência de um poderoso e eficiente aparelho de repressão e o apoio maciço dispensado pelas potências imperialistas ao ditador colimbrado avultam entre as principais razões que explicam o atraso sofrido pelo processo de desagregação do regime.

Não há exagero na afirmação de que nos vinte anos que mediam entre a guerra de Espanha e a campanha "eleitoral" de 1958, o Partido Comunista Português se encontrou, não poucas vezes, praticamente só em campo. Sobre o contido, manteve-se à altura dessas pesadíssimas tarefas. Conservou vivo entre as massas o espírito de luta, insistindo paciente, incansavelmente, em todas as formas de combate, legais, semilegais e ilegais pelas mais variadas reivindicações.

Foi essa uma viva e rica experiência, cujos resultados vieram claramente à luz do dia quando se abriram novas perspectivas às grandes lutas populares de massas, no decurso e na sequência da farsa eleitoral de 58 em que se estabeleceu a unidade de todas as forças democráticas — católicas, socialistas, liberais, comunistas e monárquicas — em torno da candidatura do general Humberto Delgado.

Nunca mais o fascismo se recuperou dos profundos golpes então sofridos. Vagas sucessivas de terror policial não conseguiram abalar o ânimo do povo, robustecendo pelo contrário a sua determinação de luta. E com o desencadear da guerra colonial, primeiro em Angola e depois na Guiné dita Portuguesa, agravaram-se as condições do regime, enfraquecendo as suas bases de sustentação.

## GUERRAS CRIMINOSAS

Cabe assinalar que desde a primeira hora, muitos anos antes de quaisquer grupos ou entidades políticas se terem manifestado publicamente contra o colonialismo fascista de Salazar, já o Partido Comunista Português havia fixado a sua posição, defendendo o irrestrito direito à autodeterminação dos po-

vos das colônias. Essa atitude é tanto mais digna de registro quanto precedeu largamente idéias tomadas de posição assumidas por outros partidos irmãos de Europa Ocidental em relação ao problema da independência das nações africanas subjulgadas.

Financiada pelas imperialismos americano, britânico e alemão-ocidental, igualmente interessados em se apossarem das imensas riquezas daquele território, a guerra que assola Angola desde março de 1961 só aproveitou aos grandes monopólios internacionais e portugueses que apoiam o fascismo lusitano.

O povo de Portugal, que não é colonialista, manifestou sempre a sua repulsa pela campanha de genocídio desencadeada pelo ditador fascista. Prova disso são os constantes levantamentos nas unidades expedicionárias, os protestos e choques no embarque de tropas, o número crescente de soldados e oficiais que desertam e clamam os seus companheiros a limitá-los.

Mais de 100.000 angolanos e quinhentas foram massacradas ao longo de dois anos de guerra ininterrupta; 300.000 refugiados angolanos amontoam-se em condições de indescritível miséria nas zonas fronteiriças do Congo, onde se accheram na sua fuga aos bombardeamentos da aviação salazarista.

Entretanto, a economia portuguesa — já de si a mais subdesenvolvida da Europa — deteriora-se acerbamente marchando para um colapso total. Ao fenómeno não é também estranho o fato de 100.000 jovens terem sido chamados às fileiras e enviados para o acougo das guerras coloniais em África... Tudo isso para quê? Para servir a oligarquia salazarista e os interesses dos monopólios estrangeiros que são donos de Angola como o demônio irredimivelmente a lista divulgado em todo o mundo pelos nacionalistas angolanos.

## POVO REAGE

Uma situação dessas não podia deixar o povo de Portugal indiferente, assistindo passivamente à sua própria liquidação. A partir de outubro de 61, principalmente, as lutas populares assumiram uma extraordinária amplitude. A combatividade, o heroísmo, a firme disposição das massas de conquistar rapidamente a liberdade afirmam-se cada vez mais.

As grandes lutas e manifestações de outubro-novembro de 61, de que participaram centenas de milhares de pessoas, as manifestações de 31 de janeiro

no Porto, as manifestações de mulheres no dia 8 de março, as grandes greves e manifestações estudantis que, em 1962, durante dois meses fizeram as universidades fechar as suas portas, as potentes manifestações dos dias 1 e 8 de março desse ano e as do 1º de maio do ano corrente em que mais de 100.000 pessoas, enfrentando corajosamente o brutal aparelho repressivo, ocuparam as ruas do centro de Lisboa durante largas horas, a manifestação de Setúbal de 28 de maio, as lutas e greves de centenas de milhares de assalariados rurais pela jornada das oito horas de trabalho, as múltiplas ações de resistência dos soldados patriotas contra a guerra colonial — mostram um vigoroso ascenso do movimento popular e são um índice da radicalização política e do espírito de combate do povo português, o que constitui um motivo de orgulho para as forças democráticas e, de modo especial, para o Partido Comunista Português promotor e organizador da maior parte dessas lutas.

## REPRESSÃO BRUTAL

Todas essas vitórias não foram nem podiam ser alcançadas sem pesadíssimos sacrifícios. Salazar, à medida que sente avizinhar-se o fim do seu regime odioso, aumenta a ferocidade da repressão policial.

De Norte a Sul de Portugal açoitam-se as prisões. Na PIDE, homens e mulheres sofrem sérias torturas e a incomunicabilidade durante meses seguidos. Patriotas são assassinados, como foi o caso de José Dias Coelho, autor desse vibrante brado anticolonial que é o livro "RESISTÊNCIA EM PORTUGAL", editado no Brasil após a sua morte.

O chamado Tribunal Pleno, sem dar aos acusados possibilidade de defesa e sem atender a provas apólicas severíssimas condenações. Nos réus salazaristas a crueldade mais refinada tornou-se mero rotina. Caxias, Albuque, Penche, a PIDE do Porto, Paços de Ferreira são outros tantos nomes que evocam nas famílias dos presos calafrios idênticos ao que suscita a simples menção do sinistro Tarrafal, o campo da morte lento, que Salazar reabriu em janeiro passado, atraindo para ali uma centena de patriotas africanos.

E o pior de tudo é que o cumprimento das penas não é garantia de libertação. Um elevado número de democratas enfrenta-se condenado a prisão

perpétua ao alargo das chamadas "medidas de segurança". Estão neste caso dirigentes comunistas com assinalados serviços prestados ao seu Partido e ao Povo Português, como Manuel Rodrigues da Silva (atacado de trombose cerebral mas sem receber assistência médica), Pires Jorge, Otávio Paço, António Dias Lourenço, Guilherme da Costa Carvalho e Blinqui Teixeira.

Daí a extraordinária importância das campanhas de solidariedade a estas e outras heróicas vítimas do fascismo empreendidas no estrangeiro por democratas de todas as tendências e pelos emigrados políticos portugueses.

As lutas pela ANISTIA, de que no Brasil tivemos conveniente demonstração com a realização em São Paulo da I Conferência Latino-Americana pela Anistia aos Prisioneiros e Exilados Políticos da Espanha e Portugal 1960, sem dúvida, um dos mais eficazes meios de ajuda exterior ao povo de Portugal.

Atérvs das formas mais variadas, desde os atos públicos, as conferências, os protestos, a publicação de documentos, o envio de cartas e telegramas às autoridades fascistas — as campanhas em prol da Anistia têm forçado Salazar a recuar em mais de um ensejo sob a pressão da opinião pública internacional, vindo-se inclusive obrigado a permitir a presença de observadores estrangeiros nos julgamentos dos Tribunais Plenos.

O momento não pode ser mais favorável para que intensifiquemos no Brasil essa solidariedade, levando-a a atingir formas superiores e mais dinâmicas. Na altura em que se comemora o 53º aniversário da proclamação da I República Portuguesa, será essa uma maneira de significarmos a todos os patriotas do país irmão que a classe operária brasileira, os nossos estudantes e os nossos intelectuais progressistas acompanham a sua luta gloriosa e se registam com os êxitos por eles alcançados no refero constante da unidade e de organização — êxitos que tornam possível a formação da FRENTE PATRIÓTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL e abrem as perspectivas mais favoráveis ao amadurecimento do processo que conduzirá ao levantamento nacional, à insurreição popular vitoriosa.

A II República Portuguesa será brevemente uma radiosa realidade.

## O NOVO LIBERTADOR

O ditador em disponibilidade Luís Somosa, velho amigo dos Estados Unidos, está empenhado no momento em libertar Cuba. Disse que organiza na Nicarágua uma campanha de infiltração e fustigação contra o regime de Havana, que começará "com uma virulência especial". Com a grande experiência de liberdade que possui, até já marcou prazo para a derrubada de Fidel: 18 meses. Durante esse longo período de gestação, será empregada determinada estratégia. E o sr. Somosa esclarece as formas que empregará na luta, dando todo o serviço, desde o envio de educadores, até a sabotagem e táticas de subversão "para demonstrar que o regime já não exerce controle da ilha". Mas disse que as tropas contra-revolucionárias não estão sendo treinadas na Nicarágua. Talvez em Costa Rica, que também é negra. Parece que ninguém quer assumir a paternidade de uma nova Baía dos Porcos.

## O CRIME DOS ESTUDANTES

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos já declarou culpados quatro norte-americanos, no processo que move contra os 50 estudantes que cometeram crime de alta traição, isto é, foram entrar Cuba. Entre outras acusações, pesa sobre os estudantes a de terem "conspirado" para recrutar jovens para participarem da viagem, considerada ilegal. A "Justice" lançou não perdoou o ato dos jovens, que serviu para denunciar as invenções tão cuidadosamente veiculadas pela imprensa norte-americana e pelo Departamento de Estado. E isto porque os estudantes resolveram honestamente dizer a verdade. E um deles chegou a oferecer os "democratas" de Washington, quando afirmou haver mais liberdade em Cuba que em muitos Estados do Sul.

Os jornais noticiam que sofreu forte comção cerebral, em consequência de um ataque epilético, o exilado russo Victor Kravchenko, picareta internacional, e que conseguiu notoriedade com o livro "Escolhi a Liberdade". A notícia em si pouco interessa, não fosse a razão da visita de Kravchenko ao Peru (onde sofreu a crise): dia que ele visita periodicamente esse país, por ter participação em negócios mineiros. Fica assim mais claro porque o tráfugo escolheu a liberdade. E os trabalhadores em minas no Peru tomarão assim mais consciência do significado da palavra tão mal utilizada.

## AS RAZÕES DA ESCOLHA

Quase cem patriotas portugueses serão julgados em breve pelo Tribunal de Assuntos Políticos de Lisboa. Em princípios de novembro, 86 acusados, entre os quais antigo secretário da Juventude Católica, Manoel Serra, enfrentaram os tribunais de Salazar. Tomaram parte na rebelião de Beja (sul de Portugal), que visava, segundo as peças acusatórias, a derrubada violenta do "atual governo legal". Sem discutir a legalidade da ditadura salazarista, assinalamos apenas que a condição de católico de Manoel Serra não o fez, até o momento objeto de qualquer cuidado por parte do cardeal Cerejeira, que anda em Roma assustado com os possíveis rumos do Concílio Ecumênico, nem do cardeal Jaime Câmara, que tanta agitação fez e tirou no Brasil, em face da visita de Digo, pelos "crimes" praticados pelo presidente Iugoslavo.

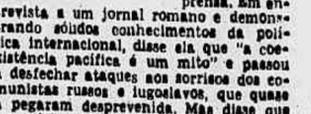
## DESFERA DA LEGALIDADE

A II República Portuguesa será brevemente uma radiosa realidade.

A sra. Nhu, cujo cunhado acaba de vencer as eleições ultrademocráticas realizadas no Vietnã, sob o patrocínio dos Estados Unidos, anda dando umas voltinhas pelo mundo. A líder das frustradas vietnamitas não perde ocasião para falar à imprensa. Em entrevista a um jornal romano e demonstrando sólidos conhecimentos da política internacional, disse ela que "a coexistência pacífica é um mito" e passou a desfechar ataques aos sorrisos dos comunistas russos e iugoslavos, que quase a pegaram desprevenida. Mas disse que essa distração foi momentânea, pois agora já está solidamente em seu posto de luta, animada da maior determinação e disposta a resistir.

## ESTAVA DESPREVENIDA

A sra. Nhu, cujo cunhado acaba de vencer as eleições ultrademocráticas realizadas no Vietnã, sob o patrocínio dos Estados Unidos, anda dando umas voltinhas pelo mundo. A líder das frustradas vietnamitas não perde ocasião para falar à imprensa. Em entrevista a um jornal romano e demonstrando sólidos conhecimentos da política internacional, disse ela que "a coexistência pacífica é um mito" e passou a desfechar ataques aos sorrisos dos comunistas russos e iugoslavos, que quase a pegaram desprevenida. Mas disse que essa distração foi momentânea, pois agora já está solidamente em seu posto de luta, animada da maior determinação e disposta a resistir.



travista a um jornal romano e demonstrando sólidos conhecimentos da política internacional, disse ela que "a coexistência pacífica é um mito" e passou a desfechar ataques aos sorrisos dos comunistas russos e iugoslavos, que quase a pegaram desprevenida. Mas disse que essa distração foi momentânea, pois agora já está solidamente em seu posto de luta, animada da maior determinação e disposta a resistir.

## TODAS RESPITAVEIS

O sr. Alves Pinheiro continua eufórico com a grande vitória do "sim" no plebiscito realizado no ultramar português, que, para ele, não houve, por desnecessário. O sr. de Angola, segundo o valoroso jornalista de "O Globo", foi apotótico e chegou a espantar os jornalistas estrangeiros. Referiu-se à recepção ao almirante Américo Tomás, onde estariam pretos, brancos, mulattos, "numa empolgante amalgama étnica e racial", e o entusiasmo chegou ao auge quando o presidente foi abraçado pela negra Esperança Vieira do Nascimento, presidente de uma associação "exclusiva para mulheres vivas ou abandonadas pelos maridos", chamada "Tristeza do Marechal Carmona e a Vergonha do Marechal Craveiro Lopes e do Almirante Américo Tomás". Acrescenta o Pinheiro que as associadas são todas "mulheres respeitáveis", pretas, reinhas. Com, se vê, é o clube das maldadas de cor.

Há um quarto de século:

# Tratado de Munique Encorajou Hitler

Setembro, vê transcorrer um quarto de século da assinatura do chamado Tratado de Munique firmado por Hitler, Mussolini, Chamberlain e Daladier, no dia 29. A pretensão de acalmarem a fúria do "führer" que ameaçava o mundo, e que já anexara o território austríaco, à Alemanha, os representantes dos governos inglês e francês concordavam, então, em entregar à sanha do ditador nazista a República da Tchecoslováquia. Em seguida, o exército germânico procedeu à ocupação das regiões fronteiriças tchecas. Logo, como ficara estabelecido no Tratado de Munique, o que ocorreu entre os dias 1º e 10 de outubro.

Mas, aqueles que aceitaram ceder um pouco, julgando que, com isso, salvariam a paz e a sua própria pele, não ouvindo o apelo dos que exigiam que Hitler fosse barrado em suas pretensões, cedo sentiram o resultado de sua atitude. Não terminara o ano de 1938 e os nazistas argumentavam já não lhes ser suficiente a parte fronteiriça tcheca; iam ocupar toda a Tchecoslováquia.

OCUPAÇÃO TOTAL

E, contando com os traidores nacionais, os chamados sudetos-alemães das regiões fronteiriças e seu par-

tido chefiado por Heinlein, a Tchecoslováquia foi ocupada pelas tropas do Reich em 15 de março de 1939. Logo para Paris como para Londres tornou-se evidente que a Tchecoslováquia fora sacrificada em vão no mês de setembro do ano anterior e que a agressão, nazista ameaçava, então, a França e a Inglaterra. Ameaçada tempos depois,

A dominação da Tchecoslováquia com a sua indústria desenvolvida, inclusive a de armamento, facilitou a tarefa de Hitler que passou a obter êxitos crescentes nas frentes da guerra. Consumada a derrota da Noruega, Holanda, Bélgica e França, os nazistas se sentiram suficientemente fortes para não mais esconder seus propósitos de escravização dos povos. No que se referia à Tchecoslováquia decidiu Hitler destruir completamente a existência nacional dos tchecos, germanizando integralmente o país, povoando-o de colonos alemães.

## TERROR

O plano nazista consistia em eliminar ou transportar para fora do País a parte da nação considerada não satisfatória do ponto de vista racial. Nos campos de concentração do Reich nazista foram assassinados

300 mil tchecoslovacos. Os operários tchecos eram enviados à Alemanha para não mais voltar. Entre os anos de 1939 e 1944 foram enviados para o Reich mais de 600 mil trabalhadores. As terras dos agricultores tchecos eram confiscadas e no lugar delas chegavam os alemães. O povo sofria.

Mas simultaneamente, as guerrilhas cresciam. Enquanto a guerra antinazista prosseguia, o povo tcheco realizava manifestações de resistência de massas: greves e ações de sabotagem na indústria de guerra. Uma onda de terrorismo foi desencadeada pelos grupos de assalto SS, chefiados pelo Obergruppenführer Reinhard Heydrich. Milhares de pessoas foram presas e levadas aos campos de concentração. Mas Heydrich pagou com a vida os crimes que cometera. Guerrilheiros liquidaram-no. O ódio nazista cresceu e os massacres de inocentes redobram. As localidades de Lidice e Lezaky foram exterminadas e arrasadas.

## FIM DE HITLER

Mas, a vitória da coalizão antihitlerista libertou os povos das garras de Hitler. Na conferência de Potsdam, os representantes da URSS,

## O POLITICO OPERARIO...

é um tribuno do povo. Para conduzir-se apriora seus conhecimentos através de bons livros e da prática social

Nós lhe oferecemos o que de melhor existe em livros marxistas e nacionalistas. Solicite nossos catálogos.

AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL  
Rua 15 de Novembro, 228-2º a/209  
SAO PAULO

## VOCE SABIA?

- 1 - Que os livros soviéticos são apreciados universalmente pelo seu conteúdo, apresentação e preços acessíveis?
- 2 - Que existe no Brasil uma organização que possui "stock" completo de livros soviéticos sobre filosofia, economia, história, política, educação, ciência e técnica, literatura, etc.?
- 3 - Que os livros soviéticos são editados também em espanhol, inglês e francês?
- 4 - Adquira livros soviéticos, solicitando catálogos à:

AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL  
Rua 15 de Novembro, 228 — 2º andar — sala 209  
SAO PAULO

# As Reportagens Proibidas

Leandro Konder

O Centro Popular de Cultura da UNE lançou quatro livros de tipo popular, impressos com bom gosto, para serem vendidos por acionistas (dentro das possibilidades técnicas permitidas pelo elevado custo do papel e da composição). Constituem os primeiros volumes da "Coleção Reportagem", destinada a propiciar a um público mais amplo toda sorte de informações básicas no que se refere aos problemas fundamentais do nosso tempo e do nosso povo.

O primeiro volume intitulado "O AGOSTO GETULIO FICOU SO" é de autoria de Almir Matos, nosso companheiro de NOVOS RUMOS. Relata, em estilo leve e objetivo, o que se passou nos dias que precederam o suicídio do presidente Vargas. Através de dados tirados aos discursos de Vargas e aos editoriais do New York Times, Almir Matos fixa a divergência de posição entre Getúlio e o imperialismo americano quanto a diversos problemas cruciais da situação brasileira. Reconstrói-se na obra o papel desempenhado por conhecidas figuras da vida política nacional, como os sr. Eugênio Gudin, Café Filho, Juarez Távora, Carlos Lacerda e o cardeal Jaime Câmara. Esclarece-se de maneira insusceptível o caminho da conciliação com o imperialismo. Getúlio isolou-se das massas populares, tornou-se vulnerável à campanha que se desencadeou contra ele em 1954, e acabou sendo levado ao sacrifício da sua própria vida.

O segundo volume leva o título de "A TERCEIRA GUERRA" e está assinado por Lúcio Machado. Começa por uma descrição da explosão

de Hiroshima, feita por um dos raros sobreviventes da tragédia. É uma cena monstruosa. E, no entanto, lembra-nos o autor, a bomba atômica empregada em Hiroshima tinha "apenas" 8 megatons, ao passo que as de hoje têm no mínimo 30 megatons...

Recorda Lúcio Machado que, faz pouco tempo, por força de um acidente causado por um "iceberg", isolando uma base norte-americana na Groenlândia, a guerra termonuclear estalou por um fio, só não se desencadeando porque na ocasião o "premier" Nikita Krushchov estava nos Estados Unidos, falando perante a Assembleia Geral da ONU, de modo que o Comando Geral tataro-dunidesse duvidou de que se tratasse de uma agressão soviética e hesitou em ordenar o contra-ataque. Não fosse a circunstância fortuita da visita de Krushchov, ninguém sabe como estariam os dias de hoje.

O livro de Almir Matos pareceu-nos leitura especialmente recomendável para os representantes das tendências reformistas predispostas à capitulação em face do imperialismo. E, ao que parece, o livro de Almir já chegou a ser lido pelo sr. João Goulart, a quem teria sido entregue pelo deputado Bocaiuva Cunha. Esperemos que o presidente da República tire algum proveito da sua leitura.

O livro de Lúcio Machado, por sua vez, vem a calhar para aqueles que substituíam a luta em defesa da pátria pelo desarmamento, isto é, para aqueles que se recusam a reconhecer o alcance da política de coexistência pacífica na sua concepção moderna, para aque-

les que não querem admitir na prática da política de coexistência pacífica a flexibilidade que ela precisa ter para ser eficiente.

Ainda na "Coleção Reportagem", vamos encontrar dois volumes dignos do maior interesse: "Como e Onde se Aprende a Ler", de Arnaldo Ramos, e "Infância, Arma dos Ricos", de Fausto Cupertino. O primeiro está dedicado a um exame geral do mecanismo de escolarização posto a funcionar no Brasil em proveito dos trustes norte-americanos. Como os demais, é fartamente documentado e está redigido em estilo aconchegado. Trás como epígrafe a frase de George Washington: "Um favorecido não espera favores desinteressados de outra".

Por sua vez, o volume de autoria de Fausto Cupertino — "Infância, Arma dos Ricos" — mostra como no Brasil o Governo passou a ser uma espécie de casa de Mãe Joana, onde, à exceção dos trabalhadores, todos comem. E mostra como a inflação brasileira não é misteriosa e só se torna misteriosa quando o vista através da falsa ciência do sr. Eugênio Gudin.

Para o autor, a inflação pode ser superada desde que se aplique com firmeza e resolução uma política econômico-financeira nacionalista, capaz de promover o nosso desenvolvimento independentemente das pressões impostas pelas forças retrógradas internas e pelos monopólios norte-americanos. Além de extensas fotografias, os volumes trazem caricaturas de conhecidos "charlatães" entre os quais o já famoso Jaguar, que é colaborador do jornal "O TEMPO" e do "Diário da Manhã". Uma excelente iniciativa do CPC da UNE, sem dúvida.

# Unidade e Trabalho Marcaram Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular do Recife

Zuleika Alamberti

"A verdadeira ordem é a que satisfaz necessidades, é a que corresponde às aspirações de bem-estar, é a que garante não apenas o acesso, mas o avanço das camadas humildes do domínio do conhecimento". Tais foram as palavras do presidente do MCP de Pernambuco, Miguel Nilton Araes, pronunciadas no ato de encerramento do Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, realizado de 15 a 21 de setembro, na cidade do Recife, e que contou com a presença de 158 delegados credenciados, 69 observadores e 22 convidados, representando 74 organizações atuantes em todos os Estados da Federação. Ao encerrar seus trabalhos, o Encontro aprovou importantes conclusões que marcarão o processo de desenvolvimento dos movimentos de alfabetização e cultura popular em todo o País.

O Seminário foi convocado pelo Ministério da Educação e promovido pelo governo pernambucano através do Movimento de Cultura Popular de Pernambuco.

## UNIDADE

Falando à reportagem os representantes das diferentes delegações foram unânimes em salientar o espírito de unidade que presidiu os trabalhos do Encontro de Recife.

Na realidade, as discussões foram travadas em clima de cooperação e fraternidade não se registrando divergências fundamentais em relação à orientação e finalidade do convênio.

Esse aspecto torna-se mais importante se tomamos em consideração o número e a variedade de organizações de todo tipo que compareceram à capital pernambucana a fim de participar da interessante iniciativa levada a cabo pelo MEC.

Entre outras, ali estiveram: os Centros e Movimentos de Cultura Popular de todo o País; entidades de caráter oficial ou semi-oficial como o MEC, CASES, Serviço Nacional de Teatro, SUPRA, SUDENE, Secretaria de Educação de Pernambuco e do Rio Grande do Sul; organizações operárias como o Sindicato dos Bancários de Minas Gerais, Sindicato de Professores da Guanabara, Líderes sindicais do Rio Grande do Sul, Departamento de Ensino dos Sindicatos de Duque de Caxias, Centro de Educação e Cultura Operária da Guanabara, COT; organizações estudantis como UNE e UBES; organizações diversas como o Movimento de Educação de Base (MEB), Fundação João Batista do Amaral, Pequena Casa da Criança, SEPLA, SETER, Campanhas de Alfabetização de diferentes pontos do território nacional, Campanha desenvolvida pelo prefeito de Natal, sr. Djair Maranhão, e que é conhecida pelo seu lema: "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler".

Manifesta o documento da Liga Feminina, também, um protesto contra o pretendido aumento de Cr\$ 8,30, por litro de leite, a pretexto de pagamento do salário-mínimo no campo, lembrando que "nem sequer foi elaborada a regulamentação do Estatuto do Trabalhador Rural".

## CUSTO DE VIDA

O movimento de iniciativa da Liga Feminina do Estado da Guanabara, visando a uma ofensiva contra a especulação, feita pelos grupos econômicos, com o abastecimento de alimentos e produtos vitais do consumo popular diário, ocorre no momento em que o arroz amarelo vai a 13 mil cruzeiros o saco de 60 quilos; o feijão preto, 190 cruzeiros o quilo; a banana, 400 cruzeiros o quilo; a carne (filet-mignon), 3 cruzeiros; filé sem ossa, 350 e cruzeiros; alcatra, 480 e jagari, 450. O leite está sendo vendido — cujo preço a Confederação Rural Brasileira está querendo aumentar outra vez, para 90 cruzeiros o litro — ao consumidor, no Rio, a 70 cruzeiros.

## RELATÓRIOS E COMISSÕES

Convocado com o objetivo principal de organizar uma profícua troca de experiências entre as diferentes organizações que espalhadas pelos quatro cantos do Brasil desenvolvem o trabalho de cultura popular e alfabetização e de encontrar as formas práticas de estabelecer entre elas um estreito vínculo, o Encontro trabalhou intensamente e duran-

te uma semana para atingir tais fins. Na primeira parte dos trabalhos, cada Estado apresentou um relatório completo de suas atividades nos diferentes campos da cultura popular, ilustrados com a apresentação de documentários, filmes, peças de teatro, exposições, gráficos, mapas, etc. A seguir entraram em funcionamento as Comissões, em número de quatro de temas a serem debatidos: Alfabetização, Cultura Popular nas Zonas Urbanas, Suburbanas e Rurais, Melos e Técnicas de Comunicação com as Massas e Integração Nacional dos movimentos de cultura popular. Essas por sua vez, dividiram-se em sub-comissões, num total de 30, dedicadas a importantes questões, tais como teatro, cinema, peças de teatro, editorias, imprensa, esportes, música, dança, artesanato, artes plásticas, alfabetização de adultos, meios de informação, etc.

## ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

No curso da apresentação dos relatórios e do trabalho das Comissões, alguns Estados sobressaíram-se pela riqueza de sua experiência. Seria impossível falar de todas. Algumas porém devem ser destacadas.

Dedicando-se em grande parte ao setor teatral, o Movimento de Cultura Popular da Bahia apresentou uma exposição rica e variada de suas experiências nesse setor onde se destaca a elaboração de peças como "Arroz, Feijão e Simpatia" feita para o público universitário, no gênero comédia, abordando as irregularidades do Restaurante Universitário de Salvador, da autoria de Paulo Gil, Hamilton Nonato, F. Sarno; "Invasão de Amaralina", texto para público operário, no gênero teatro circunstancial, que focaliza a invasão de terras de Amaralina e procura enfrentar a importante questão do latifúndio urbano; "Bumba meu Boi", dança dramática relativa à exploração da carne de boi e tem como questão central a luta contra o imperialismo. Estas duas últimas, da autoria de José Carlos Capinan.

Focalizando sua atuação, o CPC da UNE transmitiu sua experiência no terreno de atividade para e com os grupos sociais. No primeiro caso, foram dados como exemplos a "Campanha de Reforma Universitária", para a qual contribuiu com a peça "Auto dos 99%", que, representada em todos os Estados do Brasil e em todas as Faculdades da Guanabara, muito contribuiu para esclarecer e mobilizar o universitário em torno de sua reivindicação fundamental de colocar a defasagem entre os conhecimentos ministrados e os conhecimentos necessários para uma efetiva ação social de nossa Universidade; a realização de "UNE Volante" que levou espetáculos teatrais, debates sobre arte popular, exibição de filmes documentários, venda de livros e discos populares e participantes a todas as capitais brasileiras. No segundo caso, isto é, na atuação com os grupos sociais, o CPC da UNE transmitiu aos delegados presentes sua ação na criação dos núcleos de cultura popular por todo o País e a mobilização dos universitários que puderam escrever, representar e debater, organizar exposições etc.

## A CAMPANHA DO «PÉ NO CHÃO»

Partindo da idéia geral de que "Nenhum povo é dono de seu destino se antes não é dono de sua cultura", a Campanha "de Pé no Chão Também se Aprende a Ler", do Rio Grande do Norte, transmitiu ao plenário sua imensa experiência no campo de alfabetização. Relatou com detalhes a primeira fase do movimento, quando a prefeitura de Natal apelou para a população para que ela cedesse gratuitamente salas em qualquer ponto da cidade onde pudesse ser instalada uma escolinha. Sindicatos, sociedades beneficentes, clubes esportivos, igrejas, e residências particulares abriram suas portas aos alfabetizadores. Posteriormente, vieram os chamados "Acampamentos Escolares" visando a atacar o analfabetismo nos locais mais densamente povoados de analfabetos. Os primeiros "Acampamentos" foram constituídos pelos pescadores do "Canto do Mangue", especialistas em construção de casas cobertas de palha de coqueiro e chão de barro batido. Outras fases sucederam-se: a do trabalho com professores-membros-voluntários que iam de casa em casa a fim de alfabetizar os que não compareciam à escola; a da organização das praças de cultura, misto de esporte e bibliotecas; o desenvolvimento do ensino profissional como o corte e costura, alfabetaria, marcenaria, sapataria, telegrafia, datilografia, elementos de eletrônica, barbearia, bordado à mão, corte de cabelo feminino etc.; criação do Centro de Formação de Professores e outros.

O Movimento de Cultura Popular do Recife, um dos mais ricos em realizações, quer no plano da alfabetização, quer no plano das múltiplas atividades da cultura popular, não apresentou relatório. Preferiu levar os delegados a examinar in loco suas extraordinárias realizações.

## CONCLUSÕES

Quatro documentos principais elaborados pelas Comissões de Trabalho sintetizam as conclusões às quais chegou o Encontro, após 7 dias consecutivos de debates: sobre a Alfabetização, sobre a Atuação dos Movimentos de Cultura Popular e Alfabetização nas diferentes zonas, regiões e grupos sociais, sobre meios e técnicas de comunicação com as massas e sobre a possibilidade de coordenação nacional dos movimentos de cultura popular. Entre outras importantes questões, ficou estabelecido que dentro de 90 dias será realizado em Brasília um Seminário Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, o qual será precedido de Encontros Estaduais a serem brevemente realizados. Estes Encontros terão como objetivos estruturar a coordenação estadual, de acordo com as particularidades de cada Estado, bem como discutir e aprovar sugestões para a coordenação nacional dos movimentos de cultura popular do País. O próprio Encontro de Recife constituiu as Comissões encarregadas de organizar e executar os Encontros Estaduais e Nacional. Ficou ainda determinado pelo Seminário de Recife que os movimentos de cultura popular não poderão aliar-se a órgãos ou entidades que não participem do processo de libertação nacional, isto é, que sejam reacionários.

## TOPICOS TROPICOS

### História p'ra crianças

O postinho Waldir Ayala está publicando no Jornal do Brasil uma pretensa história p'ra crianças. É muito difícil escrever p'ra crianças sem cair na substimação da inteligência da garotada; o público infantil detesta infantilidades. Na suspeita de que o postinho Waldir Ayala estivesse trilhando um caminho errado, dei o capítulo da semana atrasada para o meu sobrinho ler. Ele leu até o ponto em que o personagem principal dá um beijo no rosto da lua e a lua "fica ruborizada". Então, o meu sobrinho interrompeu a leitura e me perguntou: — É uma edição moderna da Condessa de Segur?

### Paulo de Tarso e os jovens

Consurado por alguns em virtude de ter uma equipe de assessores muito jovem, com uma idade média pouco superior a 30 anos, o ministro da Educação, numa entrevista coletiva, retrucou: — Não devemos esquecer que o brasileiro só vive 38 anos, em média.

### Correspondência e molindres

Recebi carta irritada de um leitor português que não gostou da minha piada segundo a qual Balasar, sabendo que Craveiro Lopes preconizava maior liberdade interna em Portugal, disse: "Até tu, sruto?" Para o leitor, esta piada que agorinha entendo lusitano revela que eu comungo do preconceito generalizado entre os brasileiros de que "lodos os portugueses são burros". Não sei de onde o leitor tirou esta conclusão estapafúrdia. Os brasileiros gozam a proeza dos portugueses há muitos anos e são gozados por estes, Norte-americanos e ingleses também ridicularizam matosamente as suas respectivas maneiras de falar. É um fenômeno bastante comum nas relações entre uma ex-colônia e a sua ex-colônia. Não tem o sentido que a suscetibilidade molindrosa do leitor lhe atribuiu. Quem sabe o leitor ainda com o senso de humor um tanto racionado?

### Deputado udenista leva susto

De acordo com PV — Política e Negócios — quando o deputado udenista Sussumo Irata acordou, no dia do protesto dos sargentos, e abriu a janela do seu quarto no hotel, levou um susto enorme vendo os tanques espalhados na esplanada dos Ministérios. Então, telefonou para um colega, perguntando: — Hoje é dia sete de setembro? O colega respondeu: — Não. Hoje é dia 12. Sussumo suspirou: — Acho que perdemos o nosso emprego, meu velho.

### Sobral Pinto já foi "don Juan"

Toda vez que Sobral Pinto assume posições infelizes como a que assumiu agora, defendendo o IBAD e conciliando alunos da Faculdade de Filosofia a uma operação farsante, o Oswald Costa, diretor de O Semanário, recorda uma aventura ocorrida há muitos anos com o professor-venal. Sobral pediu a Pilar de Macuco para a mulher de um velho amigo seu, o major Paulo Gomide. Sobral foi duramente espancado pelo major na porta da antiga Livraria Católica, à Rua Rodrigo Silva. Depois, Sobral foi se confessar ao cardeal Leme, que o perdoou.

### Gerda, ministro dá "show" de calhordice

O jornalista Augusto Frederico Schmidt publicou no Diário de Notícias de Lisboa um artigo em que defende a exploração colonial de Portugal em Angola e declara que a política exterior do Brasil só é justa quando atende aos interesses de Portugal. Disse, mais, que o povo brasileiro não aprova a política externa independente que o governo está fazendo a pôr em prática. Por fim, depois de ter falado contra o Brasil no exterior, voltou ao lugar onde nasceu e escreveu um artigo louvando Assis Chateaubriand, seu colega em trabalho à pátria.

### Atividades da ADISEB

A Associação dos Diplomados do IBSE está patrocinando um curso de introdução à História da América, por José Guilherme Merquior, todos os sábados, às 18 horas, na sede do IBSE, à rua das Palmeiras, em Botafogo, entrada Franca. Quem se interessa pelas questões ligadas à arte e à cultura não deve deixar de ir.

### Merquior escreve sobre Benjamin

O mesmo José Guilherme Merquior, que está começando a dar o curso no IBSE, aliás, está publicando na revista Arquitetura uma série de notas sobre o crítico alemão Walter Benjamin, que foi obrigado a se suicidar em 1940, em consequência do nazismo. Benjamin, crítico de formação marxista influenciado pelo marxismo, está tendo a importância dos seus estudos ressaltada agora e vem sendo unanimemente considerado um dos mais lúcidos escritores alemães deste século.

o livro já nas livrarias

**O Livro e o Mundo e a Luta Oculta**

... livro voltado para o povo e que não poderá deixar de ser lido e bem recebido por todos os trabalhadores e por todos os verdadeiros revolucionários (Luís Carlos Prestes)

Recomendamos com urgência a leitura do livro de José Jurema (Adriana Nery)

Preço: Cr\$ 500,00

Atendemos pelo reembolso postal

Peça-nos listas de preços de nossos livros

# Liga Feminina Sugere CPI Sobre Produção e Distribuição de Leite

A Liga Feminina do Estado da Guanabara enviou a cada um dos deputados federais eleitos pelo Estado da Guanabara, sob forma de carta, um manifesto em que pede a constituição de comissão de inquirição, na Câmara Federal, "a fim de serem apurados e denunciados à opinião pública os fatos que determinam o astronômico aumento de custo de vida e de suas decorrências sociais, e no sentido, outrossim, de comover os poderes constituídos".

No manifesto — cujo envio aos deputados foi convocado ao presidente da SUNAB — a Liga Feminina declara ter compreendido, "depois de uma dolorosa experiência no contato com os setores responsáveis pelo abastecimento, e por estudos e pesquisas, que grandes negócios comandam o espetáculo degradado da sonegação de produtos e da constante elevação dos preços".

LEITE

"Um desses negócios — prossegue o manifesto — é o do leite. Um negócio vergonhoso, cujo lucro não paga com a fome de dois terços da população infantil e a morte diária de duas mil e quinhentas crianças".

Lembra a Liga alguns pontos do escândalo do leite: o prejuízo causado pela desorganização técnica na produção do leite; os níveis de produção e a demanda do consumo no Estado da Guanabara; as falhas da pouca produção e os componentes do seu custo; incúria no plano da forragem; avaliação do poder econômico dos grandes produtores; e sua influência nas cooperativas e na intermediação do leite; a purificação da presença de pessoas físicas e jurídicas na produção,

intermediação e distribuição do leite.

Lembra ainda a Liga outros pontos: — conciliação das pessoas físicas e jurídicas que operam no negócio do leite, para aplicação das leis adequadas, em caso de lock-out e outros casos, considerando-se que a SUNAB alega o desconhecimento dessas pessoas; — integração do mercado do leite "in natura"; — levantamento dos lucros da produção em geral, assim como da inversão desses lucros; — apuração dos financiamentos concedidos pelo Governo, em que condições e qual a aplicação desses financiamentos e dos lucros advindos deles;

— aumento do volume da produção do leite em pó, em detrimento da distribuição do leite "in natura" e relativamente às necessidades do consumo; — origem dos capitais das fábricas de leite em pó — e, se estrangeiras, o quantum da exportação de lucros; — levantamento dos lucros das fábricas de leite em pó, particularmente quanto ao produto primário e comparativamente ao preço do fornecimento desse produto ao consumidor; — exame da rubrica com os gastos para propaganda dos produtos derivados, especialmente leite em pó; — levantamento, em separado, dos lucros dos intermediários; — condições de higiene na produção do leite; — ingerência dos molinos no negócio do leite, através do aproveitamento do farelo para ração, dentro dos acordos vigentes; — levantamento dos índices de mortalidade infantil.

## SUNAB

No documento entregue ao presidente da Superintendência Nacional do Abastecimento, a Liga Feminina expressa a estranheza das donas-de-casa cariocas — pela falta de medidas dessa SUNAB no sentido de coibir os abusos de que vêm sendo vítimas os consumidores por parte de grupos que dominam um setor vital como o do abastecimento.

Informa a Liga ao presidente da SUNAB ter endereçado a todos os deputados federais eleitos, pela Guanabara, um pedido de que seja requerida a constituição, na Câmara, de uma comissão de inquirição. Manifesta o documento da Liga Feminina, também, um protesto contra o pretendido aumento de Cr\$ 8,30, por litro de leite, a pretexto de pagamento do salário-mínimo no campo, lembrando que "nem sequer foi elaborada a regulamentação do Estatuto do Trabalhador Rural".

**nr romance**

**Um Dia na Vida de Ivã Denisovitch**

Alexandr Soljenitsin

Tradução de B. Albuquerque

Tiurin grita de vez em quando: «Argamassa!» E Shukhov também: «Argamassa! Aquela que trabalha duro colheita-se também em chefe, até certo ponto, perante os outros. Shukhov não quer ficar atrás da outra parva e neste momento, senta-se a fazer galopar até seu próprio irmão pela estrada com as costas.

No começo Buldovitch e Fetukhov tinham começado a levar a argamassa para cima. Pela estrada empinada e escorregadia o capitão não rendia muita nas primeiras viagens. Shukhov estimulava-o levemente:

— Vamo capitão, vamo! Tíjolos para cá, capião!

— Mas, a cada cesta que subiam, mais difícil se tornava o capião, enquanto Fetukhov, ao contrário, tornava-se mais mole; o safado inclinava-se a cada andar para que a argamassa caísse ao solo e não pesasse tanto.

Shukhov deu-lhe um empurrão, uma vez:

— Anda, animal! Certamente quando ares diretor o exigia dos operários.

— Eh chefe! — grita o capião. — Mande-me trabalhar com alguém que não seja este tipo! Não levo mais cestas para cima com este merda!

O chefe presta-lhe atenção: Fetukhov vai jogar tíjolos de cabeça para o primeiro andar (o de forma que os seus pontos se contem com a parte) e Alitshka vai fazer dupla com o capitão. Alitshka é tão mole que toda mundo zomba dele.

— Mão à obra, recruta! — estimula-o o capião. — Olha como anda o trabalho!

Alitshka sorri, contentemente.

— Bem, vamo mais depressa se for preciso. Como disse, E deves rapidamente.

A equipe trabalha que dá gosto.

O chefe grita alto para baixo. Acotche que veio outro caminhão com tíjolos. Então ele dá a ordem: «Ótimo!» e levam muito alto para aparecer ou chegam todos de uma vez. E só se pode trabalhar enquanto há tíjolos. O primeiro dia, Deu! a pouco faltam. E que fazer?

O chefe grita ainda, chateado. Agora é alguma coisa com o elevador. Shukhov dá qualquer coisa para saber de que se trata, mas não pode distinguir: está ignorando a palavra. Os que levam os tíjolos para cima dizem que chegou um detetivista para consertar o motor do elevador e, junto com ele, alguém de fora o auxiliar técnico dos trabalhos de eletricidade. O detetivista está desmontando o motor e o auxiliar técnico, olhando.

O mesmo de sempre um trabalho é outro oia.

Os conselheiros do elevador, quando alívio para subir com os tíjolos é a argamassa!

Shukhov já está na terceira fileira (também Kilgas começou a trabalhar). Nisso vê que sobe bufando pela estrada outro bistibitador, outro chefe: Der, o capitão da obra de construção. Um de Moscú. Disse que trabalhava em um ministério.

Shukhov que está perto de Kilgas aponta para Der com um movimento de cabeça.

— Bahl! — exclama Kilgas depreciativamente. — Com os chefes não quero nada. Em todo caso me dá-se de cá de cá, e de cá de cá.

Agora ficarei por trás dos pedestres para ver como trabalham. São estes bistibitadores quem Shukhov queria mais. Assume ares de engenheiro com esse fôlego de pólvora! E uma vez em que quis mostrar como se colocam os tíjolos, por pouco que Shukhov não se arrebatava de cá. Nada disso, homem: no dia em que tiveres construído uma casa com tua própria mão serás engenheiro.

Em Temgueniov não havia casas de tíjolos. Todas eram de madeira. Incluía a escola onde para construir-lhe foram os boques, com permissão especial, apunhar troncos de cinco metros. Mas quando foi preciso fazer as tábuas de pedreiro no campo, Shukhov se fez pedreiro. Quem sabe fazer um par de coisas com as mãos aprende a fazer das se for preciso.

Mas, não, Der não caiu. Só tropeçou uma vez. Sobre quase caindo.

— Tiurin! — grita com os olhos esbugalhados. — Tiurin!

Atira dele sobre pela estrada Pavlo, com um touro, com uma pá na mão.

Der usa um casaco, como todos no campo, mas só que hinchado e limpo. E um gorro masculino, de couro. Mas, de qualquer forma, com o número igual ao dos outros: «8-78».

— Que está acontecendo? — Tiurin só adianta com a colher de pedreiro. Seu gorro está torto de forma que quase lhe cobre um olho.

— É algo extraordinário. É preciso tomar conhecimento sem falta, mas, por outro lado, a argamassa esfria no canteiro. Shukhov continua seu serviço, mas sem perder nada do que está acontecendo.

— Enlouqueceste? — grita Der espumando. — Isto dá cela de castigo! Vou te empalpar! E ganhas outros dez anos!

Deu então é que Shukhov se deu conta do que acontecia. Ohnu Kilgas, mas ele também já compreendeu. O papel encerado! Vira o papel encerado nas janelas.

Shukhov, por si, não revela nada. Babe que o chefe da equipe não o atirou. Receta por Tiurin. Para os homens da equipe o chefe é como um pai. Para eles, não passa de um serviço. Por uma coisa assim teriam a Tiurin aplicado no Norte outra condenação, com toda tranquilidade.

— O chefe da obra que se Tiurin estava desfigurado. Jogou a colher do pedreiro ao chão, com féria, e avançou para Der. Ao olhar para trás, Der viu que Pavlo levantava a pá.

A pá! Claro que por algum motivo subira com a pá.

E Senka que embora não compreendia, aproximou-se com os punhos apertados na cintura. E como era grande, o tio!

Der pastanajov, inquieto como se procurasse onde havia outro canteiro.

Tiurin inclinou-se para Der e em voz baixa, mas que se ouviu nitidamente ali em cima, disse-lhe:

— Acabou-se esta história de aplicar outra condenação na gente, seu canalha. E se soltarem a única palavra, seu sanguessuga, poderá contar que chegou tua hora final!

O chefe da equipe treme de raiva. Treme sem poder evitá-lo. E Pavlo, com sua cara afilada, parecia querer fulminar Der com o olhar.

— Ora, rapazes, não é preciso ficar assim! — protesta Der, livido, afastando-se o máximo da escada.

Sem outras palavras, Tiurin enfiou o gorro, apunha a colher, tentou com a queda, e volta a sua parada.

E Pavlo abaxia lentamente a pá.

Muito lentamente...

Der tem tanto medo de ficar ali quanto de descer. Espara um pouco, protegido atrás de Kilgas.

Kilgas continua seu serviço. Pelo jeito parece um médico ou algo parecido. Dir-se-ia que está atendendo em uma farmácia, sem nenhuma pressa. E de costas para Der e tempo todo, como se não o visse.

Der aproxima-se aos poucos de Tiurin. Está mais mole do que uma lula.

— É que é que vou fazer agora ao auxiliar técnico, Tiurin?

O chefe da equipe continua seu trabalho e responde sem virar a cabeça:

— Pois lhe diga que já estava assim. Que quando chegamos estava assim.

Der ainda espera um pouco até se convencer de que por ora não corre perigo. De trás para trás, desvagar com as mãos nos bolsos.

— Eh, SCh-84! — murmura. — Não posso pôr mais argamassa?

Em algum tem de desconstruir o meu humor. E como não pode reprimir Shukhov por fazer a fileira fora do pouco as regras não estejam no lugar, implora com o fato de pôr pouco argamassa.

— Tenha o senhor a bondade de observar — sussurra sob o telhado — que se soltarem muita argamassa, a central inteira se desmonta nesta primavera.

— E que pedreiro e deve ouvir o que o capitão diz! — Der replica apertadamente, inchando as bochechas, como lhe dá de costume.

— É verdade que em alguns lugares não dá muita argamassa, que se poderia ter pó mais; mas isso seria se não se estivesse trabalhando no inverno, trabalhando em condições normais. Também é preciso ter pena do pessoal. Algo se tem de ganhar. Mas é que explicar a uma pessoa quando ela não compreende?

Finalmente, Der deca a escada aos poucos.

— E veja se me concerta o elevador! — grita o chefe da equipe, de onde se encontra. — Nem que fossemos jumentos! Estamos levando os tíjolos a mão até o segundo andar!

— Mas te pegam — objeta Der, de escada, sem se safar.

— Como escarinho do mão? Agarre um carrinho e suba pela escada. Tem de passar como escarinho.

— Nem que eu não oupasse. Mas na contadoria recheado e pagamento por cestas.

— A contaduría! Estou com toda a equipe trabalhando para atender a quatro pedestres. Que vai lucrar a equipe?

Tudo isso Tiurin diz a gritos, mas sem largar o trabalho.

— Argamassa! — grita Shukhov. A terceira fileira já ficou certa. Na quarta haverá grilo de se ir mais depressa. Seria preciso subir o cordão. Mas que agüente assim mais uma fileira.

Ali vai Der, através do campo, todo encobido. Dir-se-ia que os escarinhos se queceram. Não deve tê-lo todos comido. Naturalmente, é preciso pensar bem nas coisas antes de se meter com um lobo velho, como Tiurin. Se fosse vivo andaria bem com essas cheias de equipe, e então tudo estaria solucionado. Mas, não senhor! Tem de ser mais vivo do que todo mundo.

Alguém subiu dizendo que o auxiliar técnico dos serviços de eletricidade e o operário tinham ido embora porque o elevador não tinha conserto.

— Continuar fazendo o papel de burro!

Shukhov trabalhava em muitas obras e sempre acontecia o mesmo com os apunhados. Bistibitador. Ou quebriam as coisas ou os detetivistas se quebriam. Até a carregadora de troncos quebraram; metiam uma barra de ferro em um dos eixos da corrente e falava força. Para desmontar. Por que tinham de carregar os troncos um atrás do outro, sem parar nem para respirar.

(Continua)

# Derrota, a Sina de Ademar

Nelso Vinhas

Os atos do governo do Estado de São Paulo alinham-se num corolário de medidas antipopulares e condenáveis por qualquer paulista sóbrio.

Quando candidato, o sr. Ademar de Barros afirmou que seu objetivo era "meta homem"; mas a primeira medida que tomou foi abolir a isenção do Imposto de Vendas e Condições sobre os gêneros de premente necessidade, o que contribuiu para o agravamento da carestia. Ao mesmo tempo, estimulou e garantiu a greve dos latifundiários do café para arrancar mais subvenções do Governo, onerando o produto e proporcionando-lhes maiores lucros às custas da miséria do povo; sua conduta foi a mesma diante da sonegação do leite pelos produtores e favoreceu as empresas norte-americanas; Nestlé, leite Glória e outras. Transformou novamente as justas reivindicações dos trabalhadores em caso de polícia... É o estertor dos carcomidos e retrógrados de São Paulo.

Ultimamente disputa com Lacerda agitações e provocações; o ministro Amauri Silva denunciou o seu papel de "agitador" na última greve na baixada santista. Durante o protesto dos sergantes em Brasília, estabeleceu cerco dos sindicatos e ameaçou a todos com a polícia adestrada pelo FBI. Agora, quando os trabalhadores reivindicam reajustamento de salários de acordo com o aumento do custo de vida, alarma a população estabelecendo prontídios, etc. A quem e a que forças serve esta política? Única e exclusivamente a uma minoria antinacional e antipopular. Queriasse política de luta da catástrofe do Paraná, empregando métodos hitleristas de anticomunismo. Pelo visto, a indústria do anticomunismo pela boca de um governador ainda rende algo...

Por isto mesmo, o pouco de base eleitoral, adquirido, pelo manejo de promessas no último pleito, se dilui como bôla de sabão. Alguns dos seus correligionários, com alguma popularidade outrora, enveredaram no caminho da posição lacerdistas. Enfrenta a maior oposição dos últimos anos no Legislativo, não obstante o "funcionamento" do orçamento gigante do Estado. Em cada movimento de massas de junho reivindicatório é alvo de pragas, de vaia, de ridicularização e de derrotas devido a suas posições reacionárias e odiosas. Mordeu o pó da derrota por ocasião da greve dos empregados na Cosipa, apesar do comando americano, da polícia e da prisão de milhares de trabalhadores; idêntico resultado colheu da greve dos enfermeiros e de toda a baixada santista; nas greves sucessivas das usinas no interior, contribuiu para a formação de um pacto de todos os ferroviários e funcionários do DAE e DER que tem greve marcada para 3 de outubro, cujas reivindicações terá que conceder ou desmoralizar-se ainda mais; levou estrocinhas vaia sem poder acabar de falar, durante a passeata dos professores, nas portas dos Campos Elísios, aos quais vem ludibriando há meses em suas reivindicações; e assim sucessivamente.

Agora, uniram-se um milhão de trabalhadores na ação por melhores salários, na luta contra a carestia. O governador quer enfrentar o caso por meio de uma "operação alvorada", de clara inspiração americana, e outros absurdos que afrontam o nível político já atingido pelo povo de nosso Estado. Sua sina será do crescente isolamento, desmoralização e derrotas. Esta também a trilha dos que o acompanham. O que é permanente e está em ascensão é a unidade das forças populares, nacionais, sociais e políticas para infligir reverses a esta política, acumular forças e alcançar novos e maiores êxitos.

# Trabalhadores de Cubatão Derrotaram na Greve as Violências do Prefeito

CUBATÃO — SP (Do correspondente) — Os trabalhadores e o povo deste município participaram ativa-

mente da recente greve geral na baixada santista em apoio aos enfermeiros da Santa Casa.

O prefeito de Cubatão, José Rodrigues Lopes, tomou atitude lastimável nos acontecimentos, colocando-se in-

teiramente ao lado do governador Ademar de Barros, ao lado das violências cometidas pelas forças policiais contra o povo.

Além de aproveitar a greve reinante durante a greve para procurar dispensar os servidores municipais, o prefeito colocou à disposição da polícia todas as viaturas da Prefeitura, inclusive as ambulâncias, para o espalramento do povo.

Ficou bem claro que esse prefeito — que ocupa o posto em substituição ao titular, Abel Tenório de Oliveira, que se encontra foragido procurando escapar ao processo que lhe é movido por crime de peculato e homicídio — age simplesmente segundo a vontade e as ordens fascistas do governador do Estado.

Nada podem esperar, portanto, os trabalhadores e o povo de Cubatão de um tal prefeito, pau-mandado de um governador publicamente reconhecido como inimigo feroz dos trabalhadores e agente dos tristes interesses que espoliam o país.

Entretanto, as experiências têm demonstrado que os trabalhadores unidos e organizados são mais fortes e têm condições para derrotar as investidas fascistas tanto do governador, como de seus títeres da qualidade do prefeito de Cubatão, sempre que forem tentadas violências contra as legítimas manifestações populares.

## EMPRESA ESTRANGEIRA ASSALTA O DIAMANTE DO RIO TOCANTINS

Garimpeiros do Tocantins, no Território do Pará, estão em luta contra o monopólio do garimpo de diamantes na região, que vem sendo imposto pela empresa Caeté-Miri, ou Ananauara S. A., cuja sede é no Estado da Guanabara.

A referida empresa, além de prejudicar os garimpeiros que ali trabalham, alguns há cerca de 20 anos, realiza intenso contrabando de diamante para o exterior, utilizando para isso o caminho de pouso particular que faz construir.

### DIAMANTE FARTO

A descoberta de diamante no rio Tocantins data de 1940, ocasião em que grande número de garimpeiros ocorreu para o local em busca da pedra preciosa.

Eram fabulosas a jazida, quase à flor da terra, podendo o diamante ser facilmente encontrado nas praias e no fundo dos canais. Essa facilidade originou grande corrida de milhares de homens, que, durante cerca de dez anos, trabalharam e esgotaram o diamante que se encontrava ao alcance do trabalho manual, rudimentar.

Quando isto aconteceu, sobram ainda muitas jazidas, mas de difícil acesso, no fundo de canais de águas impetuosas, permitindo então a ação apenas dos donos de "aparelhos". Isto é, aqueles que, possuindo escafandros, reuniam turmas de mergulhadores. Estes desciam ao leito dos canais e recolhiam as pedras que iam sendo amontoadas nas margens das lhotas até o dia da lavagem e apuração.

Foi quando apareceu na região, em Marabá, o indivíduo chamado João Gomes, que, depois de certificar-se da riqueza diamantífera do canal do Jau, desapareceu para voltar mais tarde munido de um documento do Governo concedendo-lhe licença para pesquisar riquezas minerais numa longa área do Jau e adjacências.

### TRUSTE

Os garimpeiros do local perceberam logo o golpe — por que licença para pesquisar, se já se sabia perfeitamente das riquezas ali existentes? — e procuraram prestar junto ao então presidente Café Filho.

Depois dos acontecimentos de 1955, com Juscelino no Governo, João Gomes reapareceu, já agora representando a empresa Caeté-Miri, ou Ananauara S. A., subsidiária da USABRAS.

Contrabandando para o local maquinaria adequada, no valor aproximado de 200 milhões de cruzeiros, a empresa passou a operar com absoluto sucesso no canal do Jau, tempo, fazendo, ao mesmo tempo, feroz exploração sobre os garimpeiros, que passaram a ser tratados praticamente como escravos.

Começando, a explorar, inclusive outros canais vizinhos ao Jau, a companhia construiu campo de aviação e passou a remeter as pedras para o exterior, sem passar pelo sistema fiscal do País. Para dar uma idéia do contrabando praticado no Tocantins, basta dizer que a empresa despachou legalmente, de sua grande produção em 1961, apenas 15 quilates, pagando de impos-

tos a quantia irrisória de 7.500,00. E convém lembrar que em 1945, ainda no período do garimpo manual, foram despachados 22.000 quilates.

### AMEAÇA

E, assim, milhares de garimpeiros espalhados pelo interior do País estão ameaçados de extermínio pela voracidade de firmas estrangeiras que dominam a nossa produção de diamantes, calculada em 500.000 quilates, cujo valor ninguém pode avaliar, por ser tudo contrabandado sem que o País se beneficie de impostos ou divisas, nem contribuindo para o desenvolvimento do exterior, já que o pouco controlado é vendido no Rio de Janeiro em dólares, mediante o uso de cheques pagáveis em Nova York.

Denúncias de toda sorte já foram feitas, inclusive pela Assembleia Legislativa do Pará, sem que nenhuma providência tenha sido tomada. O grupo estrangeiro que controla o diamante, para burlar o art. 18 do Código de Minas, que restringe a 5 o número de concessões (com 500 hectares cada uma) feitas à mesma pessoa, recorre a testas-de-ferro que requerem e "fecham" a zona. É só justamente os rios e terrenos públicos, onde, pelo art. 62 do mesmo Código, a garimpagem é livre, que interessam a tais grupos.

É de tal forma grande o poder econômico dos que dominam o diamante, que só uma Comissão Parlamentar de Inquérito terá força para impedir o verdadeiro assalto que praticam contra o País.

## GRANDE IMOBILIÁRIA LIGHT & POWER

Quando o ex-ministro da Fazenda, Sr. Tiago Dantas, levou ao Parlamento o projeto de tombamento das fazendas físico-contábil e econômico de serviços públicos, esqueceu-se — ou não quis dar conta — de obter o parecer de seus membros monopolistas que à Light, cujo tombamento revelaria toda a secretoria de que as várias suas empresas, para organizar, a preço de banana podre, a maior imobiliária de S. Paulo.

Vamos aos fatos históricos: Em 1927, quando reinava neste Estado os garilhos do Partido Republicano Paulista, e poderosa empresa imperialista conseguiu, através dos seus fiéis representantes no Governo paulista, um decreto de desapropriação de todas as áreas necessárias à construção de monumentais obras hidroelétricas. Justamente com o requerimento das terras, os homens do truste apresentaram um mirabolante plano de obras, que compreendia construção de represas, canais e linhas de transmissão. Os projetos que, na ocasião, alguns patriotas esclarecidos fizeram, foram amedrontados por o truste, que, ainda através de seus locais, procuraram esconder a pilula, incluindo no tal decreto uma cláusula preferencial que dava às vítimas a preferência na compra das suas terras desapropriadas quando a empresa não mais necessitasse delas. A seguir, com o auxílio de uma empresa não mais necessitada de terras, o truste de Cubatão e nos municípios vizinhos, certa vez, em futuro próximo, como de fato veio a acontecer, aquelas áreas extorquidas de nossos pobres cidadãos iram dar-lhe lucros de centenas de milhões de cruzeiros. E que sabia que elas seriam valorizadas, porque, com o desenvolvimento da cultura cafeeira e a instalação de indústrias, este Estado teria condições de progredir com rapidez, independentemente da vontade do poderoso truste, que para cá veio a fim de sabotar o nosso desenvolvimento.

Vamos dar agora um exemplo da atuação da Light no Vale do Rio Pinheiro: Para alimentar as usinas de Cubatão, a Light abriu o que se chamou de Canal do Rio Pinheiro, mas que os moradores de zona denominam de "Vale das Feras", ligando o Rio Tietê à Represa de Santo Amaro, para jogar as águas inundadas do referido rio na grande represa, contaminando suas águas. Para a construção de um canal como este, que sempre existiu um mau cheiro infernal, a gananciosa empresa desapropriou terras numa largura de mais de um quilômetro, como é o caso de Vila Leopoldina, quando, bastaram duzentos metros. De posse de milhares de metros quadrados, extorquidos de nossos pobres cidadãos por preço de banana podre, o truste deu início às "monumentais obras" a passo de cadáver. A espera da valorização, certa daquelas vastas áreas.

Chega o ano de 1967. Então, a Light deu um balanço de quanto valiam aquelas terras, julgadas através de um decreto moral e resolveu iniciar as vendas de suas vastas propriedades, certas de que sua valorização havia atingido o máximo. Mas, como negociadora, não havia a referida cláusula preferencial. Para uma compra diabólica, contudo, foi fácil resolver este problema. Vejamos como.

No intuito de resguardar os seus negócios excruciantes dos olhares públicos, os negociantes da Light montaram a sua imobiliária nos subterrâneos da luxuosa sede da Rua Xavier de Toledo, Dali, seus advogados começaram a chamar por carta os antigos donos das terras desapropriadas para se beneficiarem da cláusula preferencial. Um velho charrelero italiano, cujas terras haviam sido roubadas na base de cem réis o metro quadrado, pediu-me que o acompanhasse aos subterrâneos do truste. Ali, o velho apresentou os seus documentos, e o advogado do diabo explicou que, tendo a sua companhia transformado a pequena e pobre S. Paulo numa cidade monumental e a exploração dele, era correto que fosse cobrado um preço justo por tal benemerência. Por aquelas terras desapropriadas a cem réis o metro quadrado, o antigo dono não pagara, agora a venda de cem cruzeiros o metro quadrado, isto é, mil vezes mais. Nossos proprietários não venceram a intranqüezidade do truste. O velho italiano, numa última tentativa de voltar para aquela chácara onde criara os filhos, concordou com pagar o preço extorvido desde que lhe fosse facilitado o pagamento. A resposta negativa foi imediata: a Light havia pago a vida e era injusto que recebesse a vista, pois a nobreza obrigava. Vendo ser impossível tratar qualquer coisa com aqueles gansters, abandonados a toca do truste, fomos à procura de um advogado; mas este, ao indagar-se dos termos da tal cláusula preferencial, decidiu de agir contra a poderosa empresa, certo de uma derrota inapelável.

E assim, dia a dia, as vítimas foram chamadas aos escuros subterrâneos da rua Xavier de Toledo para receberem a sentença final. E nenhum escapar. Desta maneira, a Light se viu livre legalmente para ocupar a vender aquelas enormes áreas de terras roubadas a preços que variavam de Cr\$ 100,00 a Cr\$ 1.000,00 o metro quadrado de acordo com a zona onde se localizavam.

A Light nunca atendeu aos inúmeros pedidos dos moradores do vale do Rio Pinheiro para que tratasse das águas poluídas e fétidas, dando com isto uma prova de seu desinteresse para com a saúde do povo. Acrescente-se que ela tinha a obrigação de fazer esse tratamento. Mas, tão logo planejou a venda dos imóveis, passou a cuidar disso, pois quem agora a coisa era diferente: estavam em jogo seus próprios interesses, e era preciso que ela fizesse boa figura.

E sabem quais foram os felizardos que adquiriram aquelas terras roubadas aos pobres charreleros? Ademar de Barros, Mafarref, Haddad, Malnaraz, Abdala, e outros, do mesmo tipo. E com uma agravante: a Light, que para os antigos donos daquelas terras havia recusado facilidades de pagamento, justamente para esses homens privilegiados é que dividiu o pagamento em parcelas suaves — mas impondo uma condição honestíssima: as escrituras seriam passadas por um preço bem inferior ao verdadeiro. Quer dizer, o truste ainda conseguiu alguns lucros, mas não conseguiu nada de bom para ninguém.

O equipamento urbano inclui serviços de água, luz elétrica pública e esgoto. Provisoriamente, estão sendo instalados chafarizes, lavanderias, banheiros e sanitários públicos, na primeira etapa do projeto.

A fábrica de roupas da comunidade utilizará 100 máquinas de costura, proporcionando ocupação a cerca de 500 pessoas. Da mesma forma está prevista a construção de uma sapataria.

Haverá um centro comercial, com lojas onde se localizarão as atividades comerciais essenciais à comunidade.

Escolas para 1.200 alunos — crianças e adultos — estão sendo construídas rapidamente com moldes pré-fabricados. Já se encontra em funcionamento um posto de saúde.

A administração desse projeto, piloto é feita pelo SSCM e a Associação dos Moradores de Cubatão Séc.

Pelo que vemos, aqui aconteceu coisa pior do que no Rio Grande do Sul. Sendo assim, o caminho é o mesmo que lá foi tomado: a expropriação da empresa com base em tombamento físico-contábil, e expulsão dos vigaristas internacionais.

(JOÃO RIBEIRO ROSA, S. Paulo)

## PRESIDENTE DO SINDICATO É LACERDISTA

Dr. sr. João Rodrigues Colbert, recebemos carta em que se denuncia a atuação nociva aos trabalhadores, do atual presidente do Sindicato de Construção Civil, situado à rua Haddock Lobo, 74. Eis o que nos diz o sr. Colbert:

"Atualmente, quem exerce a função de presidente do Sindicato de Construção Civil é o indivíduo de nome Arnaldo Rodrigues Coelho. Esse elemento pediu o cancelamento do Curso de Alfabetização e Preparatório Gerais, e também do Curso de Costura que se realizavam no referido Sindicato, cursos esses que funcionavam há mais de 6 anos e que eram mantidos pelo Conselho do Imposto Sindical do Ministério do Trabalho. Com essa medida, prejudicou inúmeros trabalhadores.

Esse presidente é elemento ligado ao sr. Carlos Lacerda, e ninguém sabe como ele se apossou do Sindicato. Certamente, com o apoio dos patrões. Esse elemento nocivo que se apossou da presidência do Sindicato há tempos vem fazendo pressão para acabar com os cursos, que, outrossa, sob orientação de líderes nacionalistas, eram chefes de alunos.

De um ano para cá, todos os anúncios que o professor punha na parede eram arrancados por mãos perversas. Consumou-se o ato quando o presidente Arnaldo Rodrigues Coelho quis obrigar os alunos a irem assistir a uma conferência da escritora fascista Labini, à qual o sr. Lacerda iria comparecer. Querida que os associados do Sindicato, já então não poucos, juntamente com os alunos, fossem bater palmas para a dona da conferência Labini e a companheira do sr. Lacerda. Como o professor não admitia política em suas aulas e dava — abnegado nacionalista que era — mais horas de aulas do que as exigidas, porque queria que seus alunos, trabalhadores honestos, fizessem o curso, o aluno, o aluno, o aluno, ficarem instruídos, ele resolveu, juntamente com a sua gang que compõe a atual diretoria do Sindicato, dar o golpe (pois quis lacerdistas só age na base do golpe); pediu a Comissão do Imposto Sindical o cancelamento do curso, alegando terem poucos alunos. Mas como podia haver maior número de alunos, se os alunos do curso eram arrancados por elementos ligados ao presidente e se, para os alunos que se iam matricular, eles tinham que a escola seria fechada?"

Nas eleições passadas, o sr. Arnaldo Rodrigues e sua gang, mancomunados com os sindicatos patronais, queriam que os associados do nosso Sindicato votassem em Amarel Neto, Raul Brunini e ceteras.

De um ano para cá, todos os anúncios que o professor punha na parede eram arrancados por mãos perversas. Consumou-se o ato quando o presidente Arnaldo Rodrigues Coelho quis obrigar os alunos a irem assistir a uma conferência da escritora fascista Labini, à qual o sr. Lacerda iria comparecer. Querida que os associados do Sindicato, já então não poucos, juntamente com os alunos, fossem bater palmas para a dona da conferência Labini e a companheira do sr. Lacerda. Como o professor não admitia política em suas aulas e dava — abnegado nacionalista que era — mais horas de aulas do que as exigidas, porque queria que seus alunos, trabalhadores honestos, fizessem o curso, o aluno, o aluno, o aluno, ficarem instruídos, ele resolveu, juntamente com a sua gang que compõe a atual diretoria do Sindicato, dar o golpe (pois quis lacerdistas só age na base do golpe); pediu a Comissão do Imposto Sindical o cancelamento do curso, alegando terem poucos alunos. Mas como podia haver maior número de alunos, se os alunos do curso eram arrancados por elementos ligados ao presidente e se, para os alunos que se iam matricular, eles tinham que a escola seria fechada?"

Nas eleições passadas, o sr. Arnaldo Rodrigues e sua gang, mancomunados com os sindicatos patronais, queriam que os associados do nosso Sindicato votassem em Amarel Neto, Raul Brunini e ceteras.

De um ano para cá, todos os anúncios que o professor punha na parede eram arrancados por mãos perversas. Consumou-se o ato quando o presidente Arnaldo Rodrigues Coelho quis obrigar os alunos a irem assistir a uma conferência da escritora fascista Labini, à qual o sr. Lacerda iria comparecer. Querida que os associados do Sindicato, já então não poucos, juntamente com os alunos, fossem bater palmas para a dona da conferência Labini e a companheira do sr. Lacerda. Como o professor não admitia política em suas aulas e dava — abnegado nacionalista que era — mais horas de aulas do que as exigidas, porque queria que seus alunos, trabalhadores honestos, fizessem o curso, o aluno, o aluno, o aluno, ficarem instruídos, ele resolveu, juntamente com a sua gang que compõe a atual diretoria do Sindicato, dar o golpe (pois quis lacerdistas só age na base do golpe); pediu a Comissão do Imposto Sindical o cancelamento do curso, alegando terem poucos alunos. Mas como podia haver maior número de alunos, se os alunos do curso eram arrancados por elementos ligados ao presidente e se, para os alunos que se iam matricular, eles tinham que a escola seria fechada?"

Nas eleições passadas, o sr. Arnaldo Rodrigues e sua gang, mancomunados com os sindicatos patronais, queriam que os associados do nosso Sindicato votassem em Amarel Neto, Raul Brunini e ceteras.

De um ano para cá, todos os anúncios que o professor punha na parede eram arrancados por mãos perversas. Consumou-se o ato quando o presidente Arnaldo Rodrigues Coelho quis obrigar os alunos a irem assistir a uma conferência da escritora fascista Labini, à qual o sr. Lacerda iria comparecer. Querida que os associados do Sindicato, já então não poucos, juntamente com os alunos, fossem bater palmas para a dona da conferência Labini e a companheira do sr. Lacerda. Como o professor não admitia política em suas aulas e dava — abnegado nacionalista que era — mais horas de aulas do que as exigidas, porque queria que seus alunos, trabalhadores honestos, fizessem o curso, o aluno, o aluno, o aluno, ficarem instruídos, ele resolveu, juntamente com a sua gang que compõe a atual diretoria do Sindicato, dar o golpe (pois quis lacerdistas só age na base do golpe); pediu a Comissão do Imposto Sindical o cancelamento do curso, alegando terem poucos alunos. Mas como podia haver maior número de alunos, se os alunos do curso eram arrancados por elementos ligados ao presidente e se, para os alunos que se iam matricular, eles tinham que a escola seria fechada?"

Nas eleições passadas, o sr. Arnaldo Rodrigues e sua gang, mancomunados com os sindicatos patronais, queriam que os associados do nosso Sindicato votassem em Amarel Neto, Raul Brunini e ceteras.

## Em Cajueiro Sêco

# Arraes Começa a Solução Do Problema do Mocambo

O mocambo é mais um símbolo de um problema de distorção social, na amostra fria de uma miséria de vida, revelando com maior realismo o desequilíbrio econômico de uma sociedade. A partir desta constatação do problema do momento, e em sentido mais geral, do problema habitacional, o governo de Miguel Arraes pariu para enfrentar uma das questões sociais mais sérias de Pernambuco: a casa para morar.

Presidido pelo arquiteto Gilde Mário Pôrto Guerra, o Serviço Social contra o Mocambo, depois de estudar a situação habitacional do Estado, e, mais particularmente, do Recife, elaborou um documento que trata da política social do mocambo.

### A POLÍTICA

Criticando as tentativas já timidamente iniciadas por alguns administradores, os estudos do SSCM mostram que essas iniciativas se têm mostrado inconseqüentes devido aos métodos que adota, "pois nunca se fogem de um clássico paternalismo estatal, apenas passando, algumas vezes, para o demagógico de meros fins eleitorais, sem que nenhuma solução prática e efetiva tenha sido en-

caminhada, exatamente, porque nunca tiveram elas profundidade social, nem tampouco foram discutidas à luz da verdade e das possibilidades materiais do Estado."

Tendo em vista a amplitude do problema que, só em Recife, afeta 110.000 famílias carentes de habitação, o governo tem de procurar executar uma política habitacional que não se restrinja ao atendimento de grupos reduzidos de pessoas. A simples construção de "casas populares", sem resolver o complexo da miséria social e econômica das populações marginalizadas, significa apenas em criar "biombos de alvenaria" que servem para esconder aos transeuntes a tragédia das famílias que ali se alojam.

Mas o atendimento integral dessas populações, segundo os métodos inadequados até hoje postos em prática, implica em despesas com as quais não pode arcar nem o orçamento da União, isto é, no caso de Recife, em 77 bilhões de cruzeiros.

O problema das invasões de áreas para construção de precárias habitações é encarado como sendo manifestações políticas, e não assaltos a bens públicos ou privados, "porque além

de defender os invasores o instinto de autoconservação e o direito de abrigar suas famílias, esclarecem e definem o poder aquisitivo de cada um dos seus componentes."

### O PLANO

Visando ao atendimento do maior número de famílias, não só na capital como no interior, serão adquiridos pelo Estado terrenos nas proximidades das rodovias e ferrovias que ligam Recife às cidades-catelites; onde serão instaladas as comunidades que atualmente vivem em mocambos.

Nesses terrenos, depois de urbanizados e loteados, irão localizar-se todos aqueles que queiram construir sua casa, segundo seus recursos e suas próprias poupanças, contando para isso com a ajuda técnica oficial.

O programa visa a atingir por meio de um sistema de ajuda mútua às camadas de poder mínimo de renda, mas que possuem, como recurso utilizável, a energia de seu trabalho pessoal, dentro do estágio social ao qual se encontram vinculadas, dando que para o novo programa do SSCM o problema habitacional em si não é prioritário. O importante, na realidade, é a criação de um poder aquisitivo e-

zado de permitir poupança, com o qual, gradativamente, sejam os atuais mocambos transformados em casas saudáveis.

As novas comunidades serão dotadas de serviços assistenciais, como escolas ambulatórias médicas e dentárias, clubes recreativos e esportivos e, principalmente, serviço de colocação de mão-de-obra. A fim de readaptar os indivíduos e elevar seu poder aquisitivo, nas comunidades serão instaladas oficinas artesanais e pequenas indústrias de roupas, calçados e outros artefatos de uso indispensável e imediata rentabilidade. Tudo isso será realizado segundo esquemas industriais e comerciais, sob a orientação de técnicos, investindo o SSCM todos os meios necessários às instalações, desde a montagem de galpões, o maquinário, os utensílios e os móveis, até o financiamento para aquisição de matérias-primas para o início dos trabalhos. Dos lucros resultantes, parte a mão-de-obra, e as demais despesas, o resultado será investido em melhoria das comunidades que os produzem.

### A EXPERIÊNCIA

Baseados nessa política, que se pode reduzir nos três pontos se-

guintes: 1) organizar comunidades, disciplinando e orientando tecnicamente as construções, com o aproveitamento dos próprios recursos dos grupos sociais; 2) coordenar as obras de responsabilidade do poder público, ligadas à ação do SSCM; e 3) transformar, em renda, toda mão-de-obra ociosa, com seu aproveitamento em oficinas de artesanato e pequenas indústrias locais, deu-se início ao projeto-piloto de Cajueiro Sêco.

Os movimentos de invasões da área denominada Cajueiro Sêco realizaram-se em fins de 1962. Cerca de 2.000 famílias vindas de subúrbios e do interior do Estado fixaram-se no local, ali erguendo suas precárias moradias.

A intervenção do SSCM se deu no sentido de aplicar seus princípios de ação. A área, lotada em 763 lotes, permitirá a fixação de 3.815 pessoas, à média de 5 pessoas por família. Estão sendo realizadas obras de urbanização.

A intervenção do SSCM se deu no sentido de aplicar seus princípios de ação. A área, lotada em 763 lotes, permitirá a fixação de 3.815 pessoas, à média de 5 pessoas por família. Estão sendo realizadas obras de urbanização.

A intervenção do SSCM se deu no sentido de aplicar seus princípios de ação. A área, lotada em 763 lotes, permitirá a fixação de 3.815 pessoas, à média de 5 pessoas por família. Estão sendo realizadas obras de urbanização.

# LUTA DE CLASSES EM PERNAMBUCO

Amaro Valentim

Os revolucionários que se inspiram nos princípios científicos do marxismo utilizam a luta de classes como ponto de partida para suas ações nas sociedades divididas em explorados e exploradores.

Os marxistas-leninistas consideram a luta de classes como um fator de desenvolvimento da sociedade capitalista. Sendo o lucro o principal objetivo da produção nesse regime, os donos do capital desenvolvem a ciência e a técnica visando diminuir o custo de produção das mercadorias, intensificando ao extremo a exploração dos operários. Os trabalhadores conscientes de sua força, se organizam e lutam por melhorias salariais e condições de trabalho mais humanas. Nessa luta entre patrões e operários o proletariado utiliza-se dos mais variados recursos, desde as messes-rendonas à paralisação do trabalho. No geral, os trabalhadores só recorrem à greve diante da negativa intransigente dos empregadores em atender-lhes as reivindicações através de acordos e entendimentos diretos.

Em todo o País os trabalhadores das cidades e do campo vêm intensificando suas lutas por melhores condições de vida. A política econômico-financeira do governo federal agrava as condições de existência de quantos vivem de salários e orde-

dores por suas reivindicações. Os operários mais esclarecidos entendem as limitações a que está submetido o governo estadual. Sabem que, por mais democrata e progressista se seja, um governo local e isolado não pode realizar, dentro da estrutura econômica, política e social vigentes no País, a reforma agrária, nem baixar os preços das utilidades nem eliminar o desemprego, questões básicas que afetam mais cruelmente a maioria da população, problemas que só serão atenuados com a liquidação do latifúndio e da exploração imperialista. No entanto, sabem também os trabalhadores que estando de fato garantidas as liberdades democráticas inscritas na lei, o governo está atendendo a uma das aspirações mais altas de todas as pessoas progressistas.

Em nosso Estado vêm surgindo, com frequência, greves na capital e no interior. Nas usinas e nos engenhos os assalariados agrícolas lutam pelo pagamento do salário-mínimo e do repouso remunerado, estabelecidos em lei e negados pelos empregadores. Na Capital a classe operária reivindica reajustamento salarial, uma vez que o custo de vida se eleva vertiginosamente (somente este ano subiu em mais de 50 por cento). Não há outra alternativa para os trabalhadores: ou lutam para atualizar seus salários ou continuam a comprar cada vez

menos alimentos para seus familiares.

Nos regimes sociais onde existem classes antagonicas a luta de classes é inevitável. Razão por que o proletariado luta contra seus exploradores, seja na Espanha, no Paraguai, na Guanába ou em São Paulo, ou seja mesmo naqueles Estados dirigidos por fascistas e reacionários, onde as liberdades democráticas são violadas ou quase inexistentes. A luta de classes é uma Lei inerente a toda sociedade dividida em classes, não havendo força que possa evitá-la. Essa luta é mais aguda ali onde o proletariado atinge um nível de organização e de consciência política mais elevados. O exercício das liberdades democráticas em determinados momentos influi na intensidade das lutas.

Diante das greves havidas ultimamente em Pernambuco alguns setores da frente única nacionalista e democrática em desenvolvimento no País, e até mesmo pessoas que se dizem marxistas deixam transparecer uma tendência a procurar amainar a luta de classes e desarmar os trabalhadores na luta contra seus exploradores, sob o pretexto de que as greves perturbam o trabalho do governo, que precisa de paz para administrar.

No meu entender os defensores dessas teses estão equivocados. Primeiro, porque as greves surgidas nas indústrias e

nos canaviais são greves por reajustamentos salariais, na Capital, e pelo pagamento de salário-mínimo ou décimo terceiro mês, no interior. São greves econômicas que não têm sentido político contra o governo ou a sua administração. Em segundo lugar, porque as indústrias e os engenhos onde têm ocorrido tais greves não são de propriedades do governo. Os movimentos parciais são desencadeados contra padrões desencadeados que se negam a cumprir a lei ou a reajustar os salários dos operários. Mesmo em empresas estatais essa forma de luta se torna às vezes necessária. Em terceiro lugar, porque quando os trabalhadores elegeram um governador democrata e progressista do porte do sr. Miguel Arraes criam como um dos seus objetivos criar condições mais favoráveis para desenvolver suas lutas reivindicatórias, e não amainar a paz de classes ou fazer a paz social com os patrões, abdicando de seus direitos. Em quarto lugar, porque o proletariado apóia firmemente todas as medidas progressistas levadas à prática pelo governo estadual e demonstra que está disposto a cooperar no que for possível com a atual administração.

Mas os trabalhadores estão em oposição ao atual regime econômico, social e político imperante no País, responsável pela fome e a miséria a que está submetida a maioria da po-

pulação. Portanto, a classe operária distingue o apoio e a colaboração que presta ao governador do Estado e a sua política administrativa, de um absurdo desarmamento e desmobilização do proletariado diante do atual poder das classes dominantes do País, que serve, fundamentalmente, ao imperialismo e ao latifúndio.

Examinando de que lado estão colocados os interesses de classe do proletariado não é difícil concluir que não tem razão os que apelam para que a classe operária deixe de realizar greves em defesa de seus interesses.

Os trabalhadores pernambucanos devem manter-se vigilantes e rechaçar firmemente, partem de onde partirem, os conselhos e proposições que tenham por objetivo evitar a luta dos operários em defesa de seus interesses econômicos e políticos.

Os textos, os comerciais e mais recentemente os bancários deram brilhante demonstração de como conduzir as lutas reivindicatórias. Ao mesmo tempo em que paralisaram os trabalhos, aplaudiram um grande assembleias, o governador do Estado. Os líderes classistas afirmaram que a classe operária está ao lado do governador Miguel Arraes em todas as batalhas — e em todas as batalhas — em particular, do povo pernambucano.

# 10 Anos de Petrobrás O Petróleo é Nosso

O povo brasileiro está comemorando hoje, 3 de outubro, um marco em sua luta anticolonialista: o décimo aniversário da lei 2.004, de 3 de outubro de 1953, que estabeleceu o monopólio estatal da exploração de petróleo no país.

Podemos mesmo dizer que a conquista do monopólio estatal do petróleo foi, até hoje, a maior e mais concreta vitória já obtida pelo povo brasileiro em sua batalha contra os trusts norte-americanos, que não poupam esforços, desde a corrupção ao crime, para apoderar-se das jazidas brasileiras.

A lei 2.004, que instituiu o monopólio e criou a PETROBRÁS (Petróleo Brasileiro S.A.) como instrumento executor dessa política, foi o coroamento de uma luta que se travou antes mesmo que ficasse provada a existência de óleo no subsolo do país, tornando-se aguda quando não mais foi possível escondê-lo.

## DEZ ANOS

Nascida em meio à mais feroz oposição dos trusts internacionais do petróleo, representados no país por testas-de-ferro que ainda hoje se colocam contra a empresa do mesmo modo que

contra outras conquistas populares, a Petrobrás tornou-se, em pouco tempo, a maior companhia industrial brasileira, e uma das principais empresas de petróleo do mundo.

Atualmente, só em poupança direta de divisas para o país, as atividades da Petrobrás representaram (em 1962) 205,2 milhões de dólares. Sem falar em poupança indireta, isto é, sem falar no incentivo à indústria nacional, atingindo as compras da empresa ao mercado brasileiro a quantia de 15,2 bilhões de cruzeiros, no mesmo ano. E quanto aos recursos disponíveis (98% dos quais gerados por suas próprias atividades), a empresa contava, no fim de 1962, com 101,7 bilhões de cruzeiros.

Alinhamos acima alguns números apenas para comprovar a justiça da medida pugnada há dez anos atrás, o monopólio estatal, e para mostrar, também, por que os trusts e seus representantes nativos tanto se insurgiram, e se insurgem ainda, contra a medida.

Podem-se dizer que a Petrobrás iniciou a modificação das bases da economia brasileira, abrindo caminho e servindo de exemplo para nosso desenvolvimento

e econômico independente. E deve ser salientado que a empresa não é ainda por completo desenvolvida plenamente, dentro das possibilidades e das necessidades suas e do país. Nesse sentido, atualmente a luta se desenvolve para a ampliação do monopólio, em primeiro lugar com a encampação das refinarias particulares ainda em funcionamento, para o início da distribuição — primeiro a granel, como já vem sendo feito para algumas entidades oficiais, como Forças Armadas, Lóide, Companhia Siderúrgica Nacional e Companhia Nacional de Alcañis, e depois no varejo — para a produção significativa de óleos lubrificantes, etc.

Do ponto de vista social, que muitas vezes não pode ser medido a números, não é menor e importante o nascimento e dos dez anos de funcionamento da Petrobrás.

Em todas as regiões onde está instalada uma unidade da empresa, modifica-se a paisagem. Em muitos casos, onde só havia a desolação, a miséria, surgiram as possibilidades de empregos os mais diversos, quer na própria Petrobrás, quer nas indústrias e outras atividades correlatas que vão surgindo

e se desenvolvendo em torno. E não só isso. Escolas e assistência médica foram levadas a locais onde não eram conhecidas, sem falar no aperfeiçoamento contínuo do pessoal da empresa, numa elevação constante do nível profissional de seus trabalhadores, dos quais aos poucos foram selecionados.

Não são apenas dois aspectos — econômico e social —, porém, os mais importantes. A questão central é, sem dúvida, política, no que se refere à autonomia e segurança para o país.

A posse do subsolo — a não dependência ao subsolo estrangeiro — é básica para a garantia da segurança nacional e para a independência de qualquer país. Para compreendê-lo, basta lembrar que quem domina o subsolo tem o poder de movimentar ou paralisar o país.

Isso explica, mais que qualquer outra coisa, o empenho dos círculos imperialistas em dominar o petróleo aqui ou da Cochinchina. Não é difícil imaginar o poder de barganha do detentor (no caso de ser estrangeiro) das fontes de energia cujo dinheiro e cuja ação podem dispor do país à inteira vontade, derrubando e fazendo presidentes, ditadores, ministros, etc.

hoje, apesar da ansiedade, não puderam voltar à carreira.

## O CEDPEN

A 21 de abril de 1948, a Liga Antifascista da Tijuca transformava-se no Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN), que viria a ter papel de realce na organização e direção das lutas pelo monopólio estatal.

O CEDPEN realizou Convenções Nacionais do Petróleo (marcadas para realizarem-se anualmente, o que nem sempre era possível), reuniões que marcaram época na campanha.

Durante o período de 48 a 54, inúmeras foram as vezes em que atos do CEDPEN foram atacados e dissolvidos violentamente pela polícia, páginas heróicas do povo na conquista do monopólio estatal. Duas delas ficaram célebres, ambas em 1951: a de 21 de abril, na Cinelândia, quando a polícia investiu contra os manifestantes a gás lacrimogêneo e tiros, sendo depois repulsa por forças do Exército; e a de 6 de julho, quando se reuniu na UNE a II Convenção Anual do Petróleo, com delegados de 11 Estados, os participantes sofrendo verdadeiro massacre dentro da sede, deixando a fúria policial inúmeras feridas.

## COMBATES E MÁRTIRES

O período de 1948 a 1964 — particularmente até 1961 — foi dos mais difíceis, na

vida política brasileira. O fim da guerra trouxera, oriunda mesmo das lutas pela participação do Brasil no combate ao nazifascismo, um ascenso democrático ao país, com a legalidade para o Partido Comunista e o afluxamento — embora de vida efêmera — das leoninas repressões estadonovistas. Pouco tempo depois de assumir o governo, Dutra começou a reprimir as manifestações populares, acusando de comunistas, — como sempre, e pela posição vanguardista dos comunistas — todos que dela participassem.

E assim, enquanto os trabalhadores nos comícios progrediam pelo monopólio estatal do petróleo e a defesa da economia nacional, enquanto os estudantes enchiam as praças de torres de petróleo, a polícia cometia delitos e as prisões e os quartéis enchiam-se de prisioneiros e mártires.

Muitos nomes poderiam ser arrolados como vítimas da voragem: Júlio Sérgio de Oliveira, José Pontes Tavares, Eliezer Bandeira de Aquino, Arno Riepe, Zélia Magalhães...

## O CAMINHO DA 2001

Em dezembro de 1951 Getúlio enviou à Câmara anteprojeto criando a Petrobrás, mas era esse um documento cheio de brechas, admitindo inclusive "a participação de empresas particulares nacionais já organizadas no país", o que, desde logo,

abria as portas à Standard Oil, de vez que a "Easo Brasileira de Petróleo", nesse sentido, é também nacional.

A luta popular contra o projeto original levou à apresentação de emendas orientando-o para a garantia do monopólio estatal.

Na discussão da 2.004, convém lembrar pelo menos um exemplo da atitude dos homens que, aqui nascidos, defendem os interesses dos trusts estrangeiros, trazendo a pátria em troca de migalhas. O senador Assis Chateaubriand, discutindo o projeto, fez um discurso na sessão de 31 de outubro de 1952, onde dizia:

"Se a Standard Oil nos entregasse 13% dos impostos que paga e 50% dos lucros que auferir, eu concordaria em que se lhe desse até metade da administração do Brasil para negociar. Faria mais. Negociaria com ela a arrecadação de impostos e tenho certeza de que sairia muito mais barato para nós, considerando o imenso funcionalismo que temos de pagar".

A 3 de outubro de 1953 era aprovada a 2.004, com seu espírito atual. As pressões não se fizeram esperar. Em seu discurso de 31 de janeiro de 1954, comemorativo de seu aniversário de posse, Getúlio fez várias denúncias. Depois de referir-se a alguns fatos estranhos, disse:

"Outra curiosidade coincidência: diminuiu o ritmo das instalações para a produção de energia hidráulica e se

desenvolvia a produção de energia elétrica na base do petróleo".

Isto é: aumento artificial e violento da demanda de petróleo para justificar uma aplicação imediata e instantânea de capitais capazes de atender a tal demanda, e que seria muito difícil aos recursos internos.

Não demorou muito, veio o golpe de agosto e o suicídio de Getúlio.

Três dias depois, a 27 de agosto, publicava-se no "Wall Street Journal":

"Funcionários americanos predizem que Café Filho pode, eventualmente, abrir a possibilidade de investimentos de interesses estrangeiros nas indústrias de petróleo e da energia elétrica no Brasil".

E por aí foi. Amudaram-se as visitas de "bosses". Em setembro de 54 veio Henry Holland, alto funcionário de Washington, procurando fazer o Brasil "corrigir sua política de petróleo". Em fevereiro de 1955, veio Leo Welch, diretor da Standard Oil na

América Latina, oferecendo 500 milhões de dólares para "emprego na perfuração das áreas sedimentares brasileiras pela Standard Oil". Café Filho começou a tomar as medidas para mudar a política petrolífera, e todos sabemos qual foi seu fim. Hoje perambulam pela praia de Copacabana, as pernas magras e arqueadas ofendendo a estética, um mullambo que as forças vivas do país expeliram da política.

# A Luta Pelo Petróleo

Numa simples reportagem sobre a luta pelo petróleo no Brasil pode-se apenas, tal a sua amplitude e multiplicidade de aspectos, relembrar alguns fatos, um ou outro episódio, sintetizando a ponto de omitir muita coisa de relevante.

Três fases distintas marcam a luta pelo petróleo no país — como em qualquer outro em fase de libertação e desenvolvimento — desde suas origens até os dias que correm.

A primeira fase é aquela em que os trusts negam de todas as formas, até com relatórios "técnicos" de pretensão alta ciência, a existência de jazidas. A razão de tal fase é a garantia do mercado e a manutenção de reservas para os casos de necessidade.

A segunda, quando não mais é possível ocultar a existência do óleo, é a fase da luta para ver quem vai explorá-lo: se os capitais privados (incluindo os estrangeiros, com o argumento da incapacidade do nacional, falando-se até em incapacidade técnica de um país não desenvolvido), se os capitais estatais.

Finalmente a terceira, que é a atual, no caso de vitória da tese de exploração estatal, é o estorpo dos trusts e seus paus-mandados em de-

monstrar a falência da empresa monopolista, em sabotá-la, na tentativa de retroceder a conquista nacional.

## NO BRASIL NÃO HÁ PETRÓLEO

Durante muitos anos "não havia" petróleo no Brasil. Logo depois das descobertas do norte-americano Drake que vieram revolucionar a história do petróleo, começaram-se as investigações no país.

No início da década 30-40, aqui estiveram dois técnicos norte-americanos, Victor Oppenheim e Mark Malampchi, cujo relatório concluiu pela "total inexistência do óleo no Brasil".

Tal posição se manteve firme durante muito tempo — apesar da campanha contrária logo iniciada, tendo à frente Monteiro Lobato, Oscar Cordeiro e Manuel Ignacio Bastos — mesmo depois que em 21 de janeiro de 1939 surgiu o óleo em Lobato, na Bahia.

Para não alongar muito o capítulo, lembremos um pronunciamento característico dessa fase, em época posterior ao surgimento de petróleo em Lobato. Em 1947 esteve em nosso país um alto figurão do governo lanque, John Snyder, Secretário do Tesouro dos EUA, numa de-

monstração clara do objetivo de manter as jazidas brasileiras guardadas para as necessidades futuras, declarou:

"As reservas petrolíferas dos Estados Unidos dão perfeitamente para suprir as nossas necessidades (isto é, óleos e gases) normais. Em caso de emergência, recorreremos aos nossos amigos, entre os quais está o Brasil".

## IMPOSSÍVEL NEGAR

Chegou um momento, porém, que não mais era possível dizer que não havia petróleo. Travou-se, então, agudamente, a luta por sua posse, por sua exploração.

A batalha feriu-se nos bastidores — envolvendo os dirigentes políticos do país, que recebiam com frequência nunca vista enviados dos trusts lanques — e nas ruas, com o povo erguido contra o monstro imperialista, em campanha comparável às lutas pela independência e pela abolição, embora de amplitude bem maior pela participação popular, tanto em número como em entusiasmo.

Estamos agora no período de pós-guerra, quando o país saía do Estado Novo e marchava para a democratização, com as eleições presidenciais de 1945 e a Constituinte de 1946.

Quando se elaborava a Constituição, aqui esteve Paul Howard Schoppel, homem da Standard Oil e especialista em legislação lanque para países subdesenvolvidos. Sua missão, a exemplo do que fizera pouco antes no México e no Oriente Médio, era introduzir na Constituição dispositivos que permitissem a exploração estrangeira do petróleo. O resultado de sua atuação figura no § 1º do Art. 163, onde se fala em "sociedades organizadas no país". No mesmo ano, por coincidência, foi organizada aqui a Companhia de Gás Esso.

Em 1948, Dutra enviou ao Congresso mensagem com o projeto criando o Estatuto do Petróleo, documento antiregista redigido, entre outros, por Otilion Braga ("vestal" udenista) e Glycon de Paiva.

O estatuto era totalmente entreguista (na mensagem, Dutra diz que o mesmo "é precedido de ampla justificativa, de autoria da Comissão que o redigiu, esclarecendo e justificando o sistema proposto, segundo o qual se admite a colaboração de capitais estrangeiros") que foi o motivo imediato para que a luta pelo petróleo se fizesse organizada.

## AS DUAS TESES

Na mesma ocasião em que era encaminhado ao Parlamento o Estatuto do Petróleo, o Clube Militar abriu suas portas para a discussão do problema.

Defendeu a tese da exploração privada o grande "patriota" Juarez Távora. A tese do monopólio estatal foi sustentada pelo general Júlio Caetano Horta Barbosa. Imediatamente encampada pelos nacionalistas, ficou ela batizada de "Tese Horta Barbosa", transformando-se na bandeira de "O Petróleo é Nosso".

Imediatamente a luta tomou conta dos meios militares, com a oficialidade democrata e patriota, a maioria das guarnições, multiplicando-se as manifestações de apoio à "Tese Horta Barbosa", ocasionando inclusive a punição de muitos oficiais, tenentes na sua maioria.

Em 1952, na campanha eleitoral do Clube Militar, cerca de trinta oficiais do Exército e da Aeronáutica, cabos eleitorais da chapa Estilac Leal — defensora do monopólio estatal — foram presos e acusados de comunistas. Dois deles, tenentes da Aeronáutica Paiva e Vinhas, perderam a farda e até

# Os Mesmos, Ontem e Hoje

A conquista do monopólio estatal do petróleo, que ainda não foi uma vitória completa pelo tanto que falta conseguir, não é um fato isolado na vida política brasileira.

É tão somente um elo, um marco na luta geral do povo contra o imperialismo lanque e suas figurinhas nativas representativas.

As mesmas forças que se opuseram na epopéia do petróleo continuam hoje face à face a luta por e contra

novas conquistas. Atualmente são as reformas de base, a reforma agrária em primeiro lugar, a regulamentação da remessa de lucros, a nacionalização das empresas estrangeiras.

De um lado, os trabalhadores, os estudantes, os oficiais democratas e patriotas, os intelectuais decomprometidos com os setores retrógrados, lutando pelo desenvolvimento do País, sempre ligados aos interesses do progresso, da soberania.

Do outro lado, inimigos da Pátria, amigos do latifúndio e do imperialismo. São os Lacerda (que em 1953 dizia ser a Petrobrás "um projeto contraditório, incompleto e delirante"), em 1954 ser "preciso garantir a colaboração do capital estrangeiro, para que se possa ter petróleo", os irmãos Marinho, cujos editoriais em "O Globo" ainda hoje investem furiosamente contra o monopólio estatal, "O Estado de São Paulo", na mesma li-

nha, Roberto Campos, Glycon de Paiva, Juarez Távora, que sempre pregou a exploração por capitais mistos, por falta de coragem para defender a exploração exclusivamente por capitais estrangeiros, e economista-guá Guádin, Chateaubriand, enfim, os mesmos também.

A História, em futuro não muito remoto, estabelecerá em toda sua plenitude a galeria dos heróis e a dos traidores do povo brasileiro.



## EDIÇÕES PAZ E SOCIALISMO

o que há de mais útil e oportuno nos folhetos

a força de comunismo está em sua unidade	Cr\$ 150,00
o leninismo em ação	Cr\$ 250,00
pela independência nacional	Cr\$ 350,00
a estrutura da classe operária dos países capitalistas	Cr\$ 450,00
problemas da frente única anticolonialista rumo a novas vitórias do movimento comunista mundial (N. S. Kraschiow)	Cr\$ 125,00

em espanhol e francês \* atende-se pelo reembolso \* pedidos e valores em nome de H. Cordeiro, rua da assembleia 34, salas 204 e 304, rio — gb

# PE - DE - CABRA

ROMA

TRÊS FASES DA ESTÓRIA

BANQUEIROS & GREVE



Poucas vezes terá sido desastrosa contra o movimento sindical e os interesses dos trabalhadores uma ofensiva tão violenta e furiosa como a que presentemente está sendo movida pelos círculos reacionários em nosso País. A intranquilidade do grupo patronal, como os banqueiros, os latifundiários e os grandes empresários, contra as organizações sindicais dos trabalhadores, especialmente o CGT, e a histórica campanha sustentada, diariamente, pela imprensa fiada e por parlamentares, também fiados, como Herbert Levy, Arnaldo Corrêa e Armando Palco contra as greves e o direito de greve são alguns dos aspectos mais salientes dessa cruzada antiooperária e antipopular.

Dessa são os objetivos, intimamente entrelaçados, que as forças reacionárias têm em vista com essa campanha.

### Espelhar ainda mais

Quem se deixar impressionar pelo que dizem os jornais fiadidos chega a uma conclusão: os trabalhadores são os responsáveis pela crise, os nababescos salários ganhos ou reivindicados pelos operários é que estão gerando a inflação, as greves provocam a carestia da vida. Esta conclusão levaria a uma outra: é preciso impedir que os salários sejam reajustados e esmagar a ferro e fogo as greves reivindicatórias.

Esta é a monstruosa mentira que os círculos reacionários, apesar da gritante evidência dos fatos, querem impingir ao nosso povo. Nos editoriais de O Globo e do Jornal do Brasil ou nas disparatadas afirmações feitas pelo general Seviláqua pretende-se impor à opinião pública essa pavorosa mistificação para que possa, dessa maneira, ser atingido o primeiro dos objetivos visados pela atual campanha antiooperária: a espoliação ainda maior da população trabalhadora, de todos os que vivem de salários e vencimentos, em favor de uma minoria parasitária que vive refestoadada nos altos lucros e numa vida de libaritas. Querem obter vantagens ainda maiores da inflação, não permitindo sequer que os trabalhadores, depois de um ano de depreciação diária do salário já miserável, restabeleçam por um breve período o seu poder aquisitivo. Por um breve período, repetimos, uma vez que o incessante processo inflacionário levará a que já na primeira semana após o aumento o novo salário esteja depreciado — e em favor das minorias parasitárias, que embolsam o desajuste do salário.

Em outras matérias desta mesma edição divulgamos diversos dados que comprovam a espoliação cada dia maior das massas trabalhadoras. Aqui, mais um dado, referente à estardalhaçada velocidade em que cresce o ritmo dos preços e do custo de vida, nos últimos anos. No período que se seguiu imediatamente à guerra — de 1944 a 1952 — o custo de vida dobrou em oito anos; em seguida, foram precisos seis anos para que dobrasse outra vez: de 1952 a 1958; o período seguinte foi apenas de três anos: 1958 a 1961; já agora, o custo de vida dobrou em somente um ano e poucos meses: de meados de 1961 a fins de 1962.

### O salário é pequeno e diminui

Alberto Passos Guimarães, em seu livro «Inflação e monopólio no Brasil», estuda o comportamento dos salários no Brasil, comparado a outros países. Diz ele:

«A dramática deterioração do poder aquisitivo das massas trabalhadoras brasileiras toma feições ainda mais graves, não só em relação a todos os países desenvolvidos, como também a muitos dos países subdesenvolvidos. Efetivamente, o regime salarial no Brasil não mostra sua inferioridade apenas quando se faz o confronto com os níveis existentes nos países de economia adiantada; sua exigüidade é incontestável, mesmo diante dos países atrasados.

Em apoio a essa afirmação, Alberto Passos Guimarães mostra um amplo quadro de cifras, retiradas de estatísticas oficiais da OEA. Por este quadro se fica sabendo que a relação entre os salários pagos pelas empresas e o valor criado na produção, em média, é de 37,9% nos Estados Unidos, 34,2% no Canadá, 28,8% na Nicarágua, 27,7% na Argentina e apenas 22,9% no Brasil.

Mais grave do que isto é o fato, apontado também por A. P. Guimarães, de que essa porcentagem dos salários, em relação ao valor criado, tem decrescido em nosso país. Era como vimos de 22,9%, em 1949, e desceu para 21,3% em 1958.

O que explica esse decréscimo é a queda do salário real dos trabalhadores. Segundo estatísticas oficiais, citadas igualmente em «Inflação e monopólio no Brasil», o salário real no Estado da Guanabara, tomada como base a média de 1914 — índice 100 —, caiu em 1960 para 70, entre os operários qualificados, e para 56 e 26, entre, respectivamente, os funcionários padrão «E» e padrão «O».



## Barões do IBAD Querem Que o Povo Fique em Paz Com a Fome

Os representantes das chamadas «classes produtoras» estiveram, há dias, com o ministro da Fazenda. Eram cerca de 500 patrões da indústria e do comércio, reunidos no gabinete do sr. Carvalho Pinto. Foram dize-lhe que o País atualmente é um «mar revolto», que as empresas praticamente não mais possuem condições de prosseguir em suas tarefas normais e que contam com o Governo para dar um novo rumo a essa situação insustentável.

Até aí morreu Neves, pode-se dizer. Não há no Brasil hoje quem esteja tranquilo ou satisfeito com a situação do País. Quando, porém, se avança à indicação das causas das dificuldades, presentes e dos modos de corrigi-las, surgem à tona os interesses capciosos dos que participavam daquela estranha «manifestação espontânea» de apreço ao ministro do sr. João Goulart.

Segundo o sr. Rui Gomes de Almeida, presidente da Associação Comercial da Guanabara e conhecida figura grata

do IBAD, que falou em nome dos visitantes, a razão do difícil estado de coisas atual está nas greves e movimentos populares, que ele chama de «desordens», com desprêzo e audácia. «Pro-pugnamos — diz ele — por uma atitude firme contra desordens, que só prejudicam a atividade econômica, concorrendo para diminuir a produção e agravar nossos problemas.»

Outro que falou em nome dos patrões, da indústria e do comércio, o presidente da Federação das Indústrias da Guanabara, sr. Zulfó de Freitas Malman, bateu na mesma tecla. «Nem o industrial, nem o operário possuem mais a calma e o sossego para o trabalho — disse — e sem paz e trabalho não há progresso.» Quer dizer: o Governo deve acabar a ferro e fogo com a «faria das greves», para que haja «paz social».

### O porquê das greves

Não há maior inversão de raciocínio que atribuir a situação crítica da economia e das finanças brasileiras aos trabalhadores. Estes são as primeiras vítimas dessa crise, que resulta inevitável e imediatamente no aguçamento sempre maior do processo inflacionário, na diminuição do seu nível de vida, na fome, no desemprego e no endurecimento de suas condições de existência. Quando vão à greve, não têm feito senão reagir para

evitar que a crise se faça exclusivamente às suas custas, às custas dos seus salários e sua dignidade.

É o próprio sr. Rui Gomes de Almeida que reconhece, em seu discurso: «Há consideráveis camadas sociais com poder aquisitivo reduzido, além do limite que seria humanamente tolerável.» Esse reconhecimento é apenas uma pálida expressão da situação de miséria a que estão sendo açoitados milhões de trabalhadores e suas famílias, em consequência da alta dos preços e da diminuição do ritmo de desenvolvimento econômico; por si, ele só legitima a ativação do movimento operário em torno das reivindicações de reajuste dos salários, a que assistimos presentemente.

No dia seguinte à entrevista dos barões do comércio e da indústria com o ministro da Fazenda, o diretor do Departamento Nacional do Trabalho, sr. Lúcio Gusmão Lôbo, fez uma declaração à imprensa que é outra justificativa irresponsável para o recurso à greve, por parte dos trabalhadores, na atual conjuntura do País. Explicou aquele funcionário que seu Departamento não dispõe dos recursos indispensáveis, financeiros, humanos e materiais, para dar cumprimento à sua tarefa: promover a solução não litigiosa para as questões entre patrões e operários. Em suas gavetas existem paralisados 46 mil proces-

tos. Basta o conhecimento desse fato para desautorizar qualquer pretensão a que os trabalhadores renunciem ao processo da greve, para alcançar as reivindicações que pleiteiam.

Os trabalhadores, vão à greve quando já não suportam mais a degradação de seus salários, corroídos pela alta dos preços. Essa tem sido a regra, até hoje. Suas greves têm sido consequência, e não causa, do agravamento da situação econômico-financeira da Nação. As causas desse agravamento devem ser buscadas em outro lugar — e os trabalhadores têm e o seu esforço e sua luta para a procura e a remoção dessas causas.

### Por que paramos

«Somos forçados a proclamar que o desenvolvimento brasileiro parou», foi o brado lançado pelo sr. Zulfó Malman à face do sr. Carvalho Pinto, com a explicação de que essa contenção do desenvolvimento, se atribuiu ao ambiente de agitação que, a todo instante, penetra nas portas das fábricas.

É uma deslavada mentira. Os trabalhadores vêm advertindo o Governo há muitos anos, sobre a inevitabilidade da crise econômica, que agora nos bate à porta. Mas o que possibilitou e apressou a chegada dessa crise foi a política de panos quentes e palavras doces para com

os inimigos do nosso povo, os imperialistas e latifundiários, que sugam a riqueza nacional. Foram medidas como as que tomou o sr. San Tiago Dantas, quando ministro da Fazenda, no sentido de valorizar sempre mais o dólar norte-americano, às custas do cruzado, de restringir o crédito à atividade econômica interna, de cortar a capacidade aquisitiva da população.

A classe trabalhadora tem sido sempre contrária a medidas desse tipo e se vem batendo, oferecendo inclusive o seu sangue nessa luta, para que a empresa, uma nova política econômica, efetivamente capaz de salvarnos do caos e de depauperamento nacional. Adote o governo uma política de desenvolvimento independente e progressista e o País se livrará da ameaça de que suas fábricas se fechem e seus filhos percam a possibilidade de trabalhar. Pretender solucionar essa questão há muitas das parcos salários dos trabalhadores, como se vem fazendo e como insistem em recomendar que se faça os reacionários da indústria e do comércio, é empurrar os trabalhadores à resistência cada vez maior e à revolta.

### Água fria nos agitadores

E de se notar que o sr. Carvalho Pinto não fica côco com a indignação

deba e se consumar o crime de lesa-pátria que seria a exportação das concessões norte-americanas de serviços públicos, os servos-velhos de Bond and B'n'are. Se não fosse a denúncia e a vigorosa campanha de protesto desenvolvida pelo movimento nacionalista, centenas de milhões de dólares já teriam sido entregues de mão beijada a mister Sargent e seu cúmplice, como pagamento de um suborno que há anos já pertence ao povo brasileiro e que, por isso mesmo, tem de ser recuperado imediatamente e jamais compensado com o sacrifício de nosso povo. Os salários e honorários pagos por sr. Sargent não pertencem também aos patriotas brasileiros esse serviço prestado à Nação.

Decisiva tem sido a participação das forças populares e nacionalistas na sustentação dos aspectos positivos da política externa de nosso País — o intercâmbio, embora abaixo de suas possibilidades, com os países socialistas, a manutenção de relações diplomáticas com Cuba, as iniciativas favoráveis ao desarmamento e à coexistência pacífica, as restrições à famigerada OEA, a recente visita do marechal Tito, etc. Se não fosse a pressão popular, já os «gorilas» teriam imposto a supressão desses aspectos positivos da situação do Itamarati, voltando o Brasil a atuar na arena internacional como um simples receptor e executor das ordens emanadas do Departamento de Estado.

Decisiva, enfim, vem sendo e será, cada vez mais, a participação organizada, esclarecida e enérgica das massas, especialmente dos trabalhadores, na luta pelas reformas de base, por uma política econômico-financeira de emancipação nacional, pela eliminação do latifúndio, pela preservação e ampliação das liberdades democráticas, pela conquista de melhores condições de vida para todo o povo. Essa é mesmo a condição essencial para que as reformas de estrutura sejam realizadas e o Brasil se liberte da estranguladora espoliação imperialista. Sem a participação concreta e ativa das massas, as reformas não sairão e o nosso País continuará a ser uma Nação saqueada pelos truztes norte-americanos.

Quando os entreguistas e reacionários investem contra o CGT e clamam pelo esmagamento das greves e a supressão do direito de greve, quando tentam impingir ao povo a infâmia de que as organizações dos trabalhadores são «serpentários» e «focos permanentes de agitação e subversão», quando fazem côco para sustentar que as greves políticas são ilegais, e inadmissíveis — o que fazem é procurar afastar as massas da vida política para que, assim, traíam à vontade os interesses nacionais e impunemente condenem o nosso País a viver na dependência, no ataraxo, na miséria e no analfabetismo. Porque enquanto o povo estiver vivendo nessas condições, elas terão uma vida de prazeres milionários, de riqueza e de fausto, mesmo à custa da entrega do Brasil aos seus espoliadores estrangeiros.

A campanha contra o movimento sindical e o direito de greve é uma infame campanha contra todo o povo, contra o Brasil. Por isso mesmo, é uma campanha destinada ao fracasso.

### A história da lebre e da tartaruga

O livro Inflação — arma dos ricos», editado na coleção «Reportagem» do Centro Popular de Cultura da UNE, examina em detalhes a evolução da relação salários-preços, em nosso país. Fausto Cupertino, o autor do texto, revela:

«Se observamos a evolução do poder aquisitivo real dos salários mínimos decretados a partir de 1956, teremos o seguinte. Os de Cr\$ 3.800,00 decretados para a cidade do Rio de Janeiro em agosto de 1956 valiam na realidade apenas Cr\$ 2.395,00 em dezembro de 1958, às vésperas da decretação do novo nível, o de Cr\$ 6.000,00. Em termos reais, esse novo nível valia de fato Cr\$ 3.629,00 em janeiro de 1959, caindo para Cr\$ 2.124,00 em setembro de 1960. Em outubro entrava em vigor o nível de Cr\$ 9.600,00, com um poder aquisitivo real, sempre em comparação com o salário e os preços de agosto de 1956, de Cr\$ 3.417,00, que descia para Cr\$ 2.577,00 em setembro de 1961. O novo nível decretado em outubro para Cr\$ 13.440,00 valia de fato Cr\$ 3.441,00, caindo para Cr\$ 1.931,00 em dezembro de 1962. Em janeiro de 1963 entra em vigor o nível de Cr\$ 21.540,00, com um poder aquisitivo real de Cr\$ 3.191,00. Três meses depois estava reduzido a cerca de Cr\$ 2.800,00. . . . .

«Como se vê, a curva salarial varia entre níveis superiores e inferiores e a tendência é a de que os pontos mais altos nunca alcancem totalmente o ponto máximo anterior, enquanto que os pontos mais baixos caem sempre a cada novo reajustamento. Entre um e outro reajustamento o valor real do salário se reduz quase à metade do inicial. Dito de outro modo, para ter o mesmo poder aquisitivo dos Cr\$ 3.800,00 em agosto de 1956, o salário mínimo teria que ser hoje de cerca de Cr\$ 35.000,00 tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo.

«Podese comparar também diretamente o aumento dos preços com o de salários e se chegará à mesma conclusão.»

**NOVOS RUMOS**